

 **FAMINAS**

PPA 2024

PROJETOS E PRÁTICAS APLICADAS

EIXO TEMÁTICO:

**Psicologia, Empreendedorismo
e Responsabilidade Social**

PSICOLOGIA FAMINAS



PPA-PROJETOS E PRÁTICAS APLICADAS 2024/1

EIXO TEMÁTICO:

**Psicologia, Empreendedorismo e Responsabilidade
Social**

Tema: um olhar inovador para aspectos sociais,
empreendedores e humanístico.

Objetivo: Promover diálogos, pesquisa e aprendizado em
espaços diversos na sociedade.

**BELO HORIZONTE
2024**

COORDENADORA DO CURSO DE PSICOLOGIA

Profa. Ma. Henriqueta Regina Pereira Couto

ORIENTADOR/ORGANIZADOR

Prof. Me. Flávio Lúcio dos Santos

EDITORAÇÃO

Esp. Cristina de Souza Maia- Bibliotecária Chefe

LAEL VARELLA EDUCAÇÃO E CULTURA LTDA. – LVECL

Faculdade de Minas - FAMINAS – Belo Horizonte

Av. Cristiano Machado, 12001 - Vila Cloris, Belo Horizonte

31744-007 – Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 2126-3100

Home page: <https://faminasbh.edu.br/principal>

Catálogo na fonte

E-book produzido pela turma de Psicologia da Faculdade de Minas-FAMINAS BH.

A reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho são autorizadas, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

P962 Projetos e Práticas Aplicadas-PPA
Projetos e práticas aplicadas: Eixo temático: psicologia, empreendedorismo e responsabilidade social. / Santos, Flávio Lucio dos Santos (org.); Henriqueta Regina Pereira Couto (coord.). Belo Horizonte: FAMINAS, 2024.
83 p.

ISBN: 978-65-88341-05-6

1. Psicologia. 2. Empreendedorismo. 3. Responsabilidade social.
4. Projeto curso de Psicologia. I. Santos, Flávio Lúcio dos. II. Couto, Henriqueta Regina Pereira. III. Título.

CDD: 658.0019

Para citar este documento:

SANTOS, Flávio Lucio dos Santos (Org.); Couto, Henriqueta Regina Pereira (Coord.). **Projetos e práticas aplicadas**: eixo temático: psicologia, empreendedorismo e responsabilidade social. Belo Horizonte: FAMINAS, 2024. 83p. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.faminas.edu.br/jspui/>>. Acesso em: <inserir a data de acesso>.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO METODOLÓGICA DA DISCIPLINA.....	7
PPA 01 - UM OLHAR PARA OS INVISÍVEIS- Luiza Maria Ferreira Rosa De Jesus; Lilia Almeida Nascimento; Nikolle Martins Fonseca; Francisca Lara Alves Freire; Thalita Emanuele Gomes Ribeiro Mafia; Ana Luiza Souza.....	11
PPA 02 - RADIOGRAFIA DA SAÚDE MENTAL DE ALUNOS E PROFESSORES PREPARATÓRIO PARA O VESTIBULAR- Ana Beatriz Gomes; Ana Clara Dutra; Ana Clara Galvão; Júlia Alvarenga; Julia Karolyne; Laura Viana	17
PPA 03 – ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DE PACIENTES EM TRATAMENTO NEFROLÓGICO- Giovanna Cristina; Leticia Novy; Kethellen Lorryne Goncalves Dias; Vitoria Pereira Brito Araujo; Rizia Maria	29
PPA 04 - CUIDANDO DE SI MESMA: vivências de mães atípicas e necessidade do autocuidado- Carolina Magalhaes Lage Moraes; Paulo Diego Dornelas de Freitas; Julia Rocha Valadares; Bernardo Botelho Cabral Camara; João Marcelo Alves Calente ; Eduarda Lorena Oliveira.....	39
PPA 05 – PROFISSÕES ESSENCIAIS E INVISÍVEIS- Ana Clara Lourenço; Ariane Duarte; Kelly Oliveira; Larissa Marcela; Natália Almeida; Rhayssa Martins Romagnoli; Sofia Sabino; Tulya Giordana; Walquiria Ricoy de Carvalho	46
PPA 06 – EQUILÍBRIO NA EDUCAÇÃO: um olhar sobre a saúde mental dos professores de escolas públicas- Akaiah Gomes Bispo; Ana Luiza Oliveira da Silva; Cibele Miranda de Almeida; Larissa Coelho Vieira Rosa; Maria Eduarda Borges; Marianna Vasconcelos; Paulo César Fernandes Nepomuceno.	60

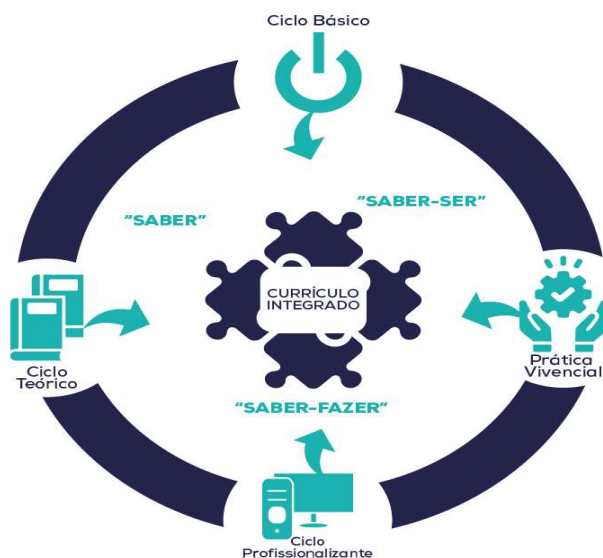
PPA 07 – A JUVENTUDE DENTRO DE INSTITUIÇÕES

SOCIOEDUCATIVAS-Dayane Ramos, Isadora Cruz, Maíra Margonari,
Maria Laura Prates, Rafaela Ferreira e Yanis Fialho.....**68**

PPA 08 – NOVA ESPERANÇA PARA UM FUTURO- Ana Clara Pissolato;
Bianca Teodoro; Cecília Nunes; Giulia Moraes; Gracileiva Fagundes;
Maria Luiza Lima; Matheus Ventura; Rhayssa Ribeiro; Fernanda Silva **76**

APRESENTAÇÃO METODOLÓGICA DA DISCIPLINA

O PPA – Projeto de Práticas Aplicadas visa promover a construção de um currículo integrado que possa aproximar o saber, o “saber-ser” e o “saber-fazer” que perfazem o ciclo básico e ciclo profissionalizante dos cursos, conectando o conhecimento teórico com as competências e habilidades vivenciadas na prática.



Fonte: do autor, 2024

1.1 - CONHECIMENTOS

- Estudo sobre o empreendedorismo empresarial, profissional, individual.
- Levantamento sobre características das empresas/pessoas que promovem serviços ou ações empreendedoras;
- Compreensão sobre a dinâmica empreendedora, focalizando os processos, procedimentos e inovações nas áreas estudadas;
- Estudo das demandas empreendedoras na prática, identificando áreas de oportunidade para melhorias.
- Análise dos desafios enfrentados pelos empreendedores na adoção e implementação de práticas inovadoras, bem como suas estratégias para superar esses desafios.

- Apreciação crítica considerando as características inovadoras e empreendedoras na empresa/local pesquisada.

1.2 - HABILIDADES

- Análise de Dados e Tomada de Decisão
- Analisar e resolver problemas complexos enfrentados pela empresa, utilizando uma abordagem sistemática e crítica.
- Aplicar conceitos teóricos aprendidos em sala de aula à prática empresarial, entendendo como teoria e prática se interconectam no contexto empresarial.
- Analisar e compreender o ambiente externo em que a empresa opera, incluindo fatores econômicos, políticos, sociais e tecnológicos que afetam suas operações.
- Analisar o problema de forma sistemática e crítica, considerando múltiplas perspectivas e variáveis envolvidas.
- Registrar as informações relevantes relacionadas ao problema identificado, incluindo dados, análises e possíveis soluções, de forma lógica e estruturada.

1.3 - ATITUDES

- Discutir as métricas-chave e entender como elas impactam as operações e o sucesso da empresa.
- Discutir em equipe como esses dados influenciam as estratégias da empresa.
- Julgar a relevância dessas características para as decisões estratégicas da empresa simulada.
- Participar de discussões em equipe para identificar e analisar problemas.
- Criticar as possíveis causas dos problemas, considerando múltiplas perspectivas.
- Verificar em equipe os aspectos mais críticos do problema.

- Escolher os pontos-chave que devem ser abordados prioritariamente para uma solução eficaz.

O projeto conta com o apoio do professor orientador que possibilita no primeiro momento, conceitos referentes a importância da aplicabilidade do projeto aplicado como fonte de pesquisa, extensão e de conhecimentos múltiplos da intervenção prática dos discentes nos locais escolhidos. O projeto visa um olhar para além da sala de aula e traz para esse aluno, a possibilidade do desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes.

É realizado uma dinâmica de integração entre a comunidade discentes onde eles conseguem perceber que, em sala existe uma comunidade com suas percepções, cultura, anseios, comportamentos, valores e crenças.

No segundo momento, o professor orientador promove uma aula onde os discentes se deslocam para a sala de metodologias ativas da Faminas- BH e realizam uma prototipagem em grupo pensando na temática, nos objetivos e estratégias a serem utilizadas na concepção do trabalho, possíveis locais de intervenção e entregas finais dos projetos.

2 – CONSTRUÇÃO DO PROJETO

Em sala, os alunos são estimulados por meio da metodologia de prototipagem a construir ideias sobre a pesquisa e intervenção que será realizado na comunidade. A aula propõe um espaço onde os grupos descrevem o local de atuação com a temática proposta, como será desenvolvido o projeto, o porquê e as construções de intervenção nos locais definidos.

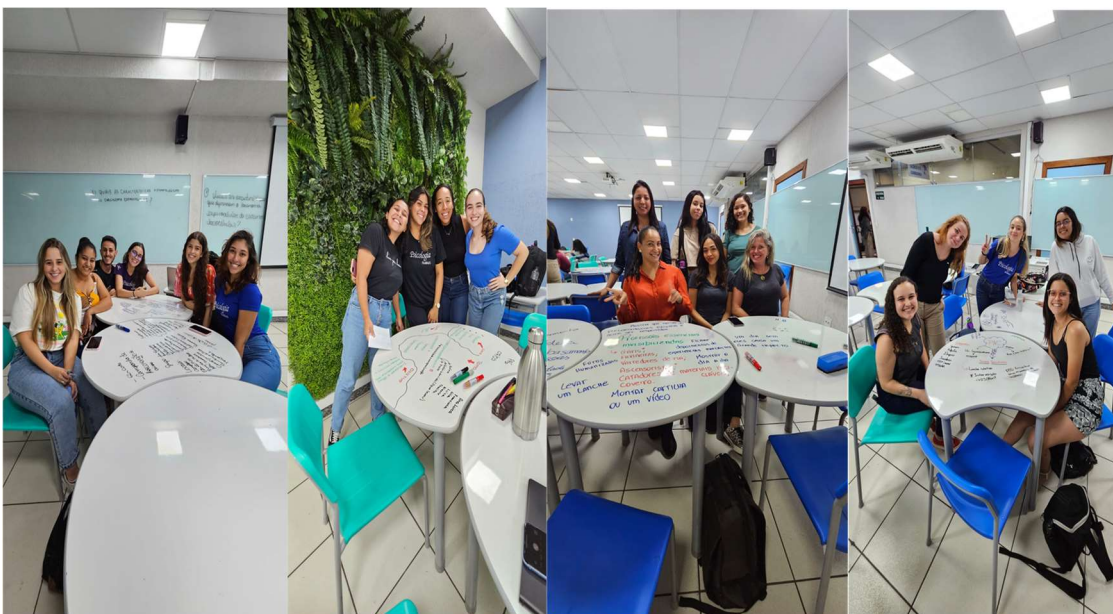
Os grupos realizam as pesquisas bibliográficas e começam a escrever o projeto: introdução, desenvolvimento, método e conclusão. Todo esse processo é acompanhado pelo professor orientador. É feito rodízio dos grupos para orientação individual e acompanhamento de todos processo de desenvolvimento.



Fonte: do autor, 2024



Fonte: do autor, 2024



Fonte: do autor, 2024

PPA 01 - UM OLHAR PARA OS INVISÍVEIS- Luiza Maria Ferreira Rosa De Jesus; Lilia Almeida Nascimento; Nikolle Martins Fonseca; Francisca Iara Alves Freire; Thalita Emanuele Gomes Ribeiro Mafia; Ana Luiza Souza

1 – INTRODUÇÃO

De acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte (2023), o censo populacional realizado em 2022 registrou que cerca de 5.344 pessoas se encontram em situação de rua na Capital. Tal número aumentou 192% nos últimos oito anos, conforme aponta o Jornal Estado de Minas (2023), com base no estudo realizado pelo Censo Pop Rua, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em parceria com o executivo municipal.

O cenário apresentado demonstra que esta população, muitas vezes ignorada e tratada como se fosse invisível, tem crescido, se tornando cada vez maior o número de indivíduos em situação de rua, os quais enfrentam diversos obstáculos, tais como a falta de acesso à alimentação, moradia, saneamento básico, cuidados médicos e itens de higiene.

Além desses desafios ligados à falta de dignidade em termos de condições físicas, os moradores de rua também lidam todos os dias com a rejeição da sociedade, de modo que a maioria das pessoas passam por eles e não lhes dirigem sequer um olhar. Sendo assim, são tratados como se não existissem.

Dessa forma, o nosso grupo de Projetos e Práticas Aplicadas à Comunidade, em parceria com o Projeto Resgataí (o qual é voluntário e externo à universidade), cuja missão inclui "Resgatar Pessoas e Transformar Histórias", desenvolveu um espaço de escuta e conversa aberta durante o café da manhã solidário realizado quinzenalmente aos domingos sob o viaduto Santa Tereza, no bairro Floresta, em Belo Horizonte-MG.

Ademais, em resposta à carência de recursos básicos, também fornecemos, por meio de doações, kits de higiene pessoal para os presentes. Cada kit incluía os seguintes itens: creme dental, escova de dentes, sabonete e absorventes íntimos (para as mulheres). Além da distribuição dos kits, nosso

objetivo foi conhecer um pouco das histórias de vida dessas pessoas e as causas que as levaram a estar hoje em situação de rua nesta região.

Nosso objetivo foi conhecer as histórias daquelas pessoas em situação de rua através de uma escuta ativa e acolhedora, oferecendo um espaço para que os que são marginalizados e tratados como invisíveis em nossa sociedade sintam-se importantes e saibam que merecem ser ouvidos. Além disso, buscamos fornecer kits de higiene pessoal visando proporcionar melhores condições para o cuidado pessoal e, assim, mais dignidade e valorização das pessoas desabrigadas.

2- DESENVOLVIMENTO

“Nós não podemos olhar para o outro lado e fingir que aqueles que vivem nas ruas não existem. Eles são nossos irmãos e irmãs, e devemos reconhecer sua humanidade.” - Jennifer Toth. Essa frase evidencia a importância em reconhecer e agir diante da realidade das pessoas em situação de rua, pois ao ignorar a existência desses indivíduos, estamos dando continuidade a uma injustiça social que lhes nega a dignidade e a humanidade. Por outro lado, se adotarmos a mensagem de Jennifer Toth, somos incentivados não apenas a olhar para o outro, mas a olhar diretamente para a realidade das pessoas que moram nas ruas, reconhecendo-as como seres humanos assim como nós e agindo a favor de sua dignidade e bem-estar.

Neste contexto, propomos o projeto “Um olhar para os invisíveis”, para que possamos oferecer um momento de interação e escuta para estas pessoas, que muitas vezes são tratadas como se não existissem. Deste modo, o grupo pretendeu oferecer-lhes um espaço de escuta acolhedora, no qual ouvimos as histórias daqueles que se sentiram confortáveis para compartilhá-las conosco e, somado a isso, estivemos dispostos a escutar demais sentimentos e expressões que as pessoas quisessem expor, porque entendemos que muito mais importante do que dar algo para o corpo, como alimento ou água, é fundamental oferecer atenção, amparo e apoio emocional.

Ademais, Carl Jung preconiza a seguinte frase: “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.” Sendo assim, nosso desejo com esse projeto consiste em,

de alguma maneira, conseguir tocar essas vidas, tratando-os de forma digna e humana, para que soubessem que merecem atenção.

Além disso, realizamos o fornecimento de itens básicos de higiene pessoal, pois verificamos uma demanda desses materiais durante a visita inicial feita pelo grupo.

3 - METODOLOGIA

A metodologia utilizada na elaboração do projeto foi organizada de forma a atender os objetivos pré-determinados. Sendo assim, para possibilitar o fornecimento de kits de higiene pessoal, divulgamos uma campanha vinculada ao projeto, usando as redes sociais, tais como: WhatsApp e Instagram. Ademais, conversamos com pessoas ao nosso redor sobre o projeto e nossos objetivos, buscando explicar como seria feita a intervenção, a fim de incentivá-las a contribuir. Deste modo, pudemos contar com a colaboração de muitas pessoas para a obtenção dos itens.

Banner de divulgação para mídias sociais elaborado pelo grupo (2024):



Fonte: do autor, 2024.

Neste contexto, o processo de arrecadação dos itens de higiene pessoal teve por finalidade a montagem dos kits de modo a conterem: uma escova de dente, um sabonete e um creme dental, conforme Imagem 1. Em alguns dos kits foram incluídos ainda absorventes íntimos, os quais foram destinados ao público feminino.

Para o monitoramento dos donativos, foi elaborada uma planilha de controle dos quantitativos, na qual as doações em dinheiro e os produtos recebidos foram contabilizados. Assim, após o término da arrecadação, haviam sido obtidos um total de 50 escovas de dente, 89 cremes dentais, 94 sabonetes, 3 absorventes e o valor de R\$914,50 em doações feitas via pix. Desta forma, foi necessário adquirir 170 cremes dentais, 160 sabonetes e 200 escovas de dente para integrar o restante dos kits.

Deste modo, foram montados mais de 250 (duzentos e cinquenta) kits. A distribuição dos mesmos foi realizada no dia 19 de maio de 2024, durante o café da manhã realizado pelo Projeto Resgataí, embaixo do viaduto Santa Tereza, em Belo Horizonte - MG.

Ademais, foi proposto um momento de entrevistas com algumas das pessoas em situação de rua que estavam no local, para que elas pudessem relatar suas histórias e receberem uma escuta acolhedora. Essa interação possibilitou o desenvolvimento de habilidades de comunicação assertiva, escuta ativa e empatia da equipe participante, favorecendo o alcance dos objetivos propostos de forma a proporcionar momentos de atenção e interação, promovendo maior dignidade às vidas que se encontram em vulnerabilidade e invisibilizadas pela sociedade.

4 - ANÁLISE E CONCLUSÃO

A experiência do dia da intervenção ocorreu com grande êxito, tendo em vista os efeitos obtidos tanto para as pessoas em situação de rua, quanto para as integrantes do grupo. Neste contexto, pudemos observar quão significativo e importante foi para os entrevistados conversar com o grupo, relatando suas histórias e sendo escutados de maneira atenta e acolhedora, de modo que se sentissem vistos.

Ademais, houve grande comoção durante a distribuição dos kits e nas entrevistas para o trabalho, sendo notada uma maior disponibilidade em se abrir emocionalmente por parte da parcela masculina presente, contrastando com a resistência das mulheres, que por muitas vezes se mostraram fechadas ao bate-papo.

Nos diálogos, dentre as perguntas feitas aos entrevistados, destaca-se: “Qual seu nome?”, “Poderia nos contar um pouco da sua trajetória até aqui?”, “Poderia nos contar algum momento emocionante para você, o qual foi muito marcante em sua vida?”, e “Se você pudesse dar um conselho às pessoas, qual seria?”. Deste modo, pode-se observar que em geral as perguntas eram simples, porém amplas, de maneira que abriram grande margem para que os sujeitos contassem suas histórias de vida e se emocionassem com a própria trajetória.

Os relatos foram contados com muitos detalhes, nos quais os temas sobre família e traumas do passado quase sempre eram levantados. Além disso, a fé em Deus também foi bastante mencionada pelos entrevistados, como forma de esperança e ponto de refúgio. Desta forma, nota-se uma grande demanda emocional em relação ao alicerce nas redes de apoio e na fé.

Somado a isso, a experiência do grupo foi extremamente gratificante e enriquecedora, devido ao fato de conhecermos as histórias relatadas e podermos proporcionar esse momento de atenção, mesmo que pequeno, para aquelas pessoas em situação de rua.

Sendo assim, considerando todos os fatos, o projeto "Um Olhar Para os Invisíveis" pode ser considerado uma experiência bem-sucedida, enriquecedora e cheia de oportunidades, tanto para as estudantes envolvidas quanto aos indivíduos para os quais o projeto foi direcionado.

5 - BIBLIOGRAFIAS

CLARA MARIZ. População em situação de rua de BH aumenta 192% em oito anos. ESTADO DE MINAS, 09/02/2023 17:49 - Atualizado em 09/02/2023 18:45. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2023/02/09/interna_gerais,1455625/amp.html]. Acesso em: 09/04/2024

PBH e UFMG apresentam resultados preliminares do Censo da população de rua de BH. PREFEITURA de BELO HORIZONTE, 09/02/2023. Disponível em [

<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/pbh-e-ufmg-apresentam-resultados-preliminares-do-censo-da-populacao-de-rua-de-bh>]. Acesso em: 09/04/2024.

ANEXOS

Planilha de controle dos materiais arrecadados:

[Controle Projeto PAC 2024.xlsx](#)

Vídeos e fotos (material bruto):

[PAC 2024/01 - INTERVENÇÃO 19/05/2024: UM OLHAR AOS INVISÍVEIS](#)

Formato da apresentação para a banca:

[Cópia de Formato de apresentação do PAC](#)

PPA 02 - RADIOGRAFIA DA SAÚDE MENTAL DE ALUNOS E

PROFESSORES PREPARATÓRIO PARA O VESTIBULAR- Ana Beatriz

Gomes; Ana Clara Dutra; Ana Clara Galvão; Júlia Alvarenga; Julia Karolyne;
Laura Viana

1. INTRODUÇÃO

A preparação para o vestibular é um período de intenso estresse e pressão para alunos e professores. Tendo isso em vista, o projeto Radiografia da Saúde Mental teve foco na saúde mental de jovens e professores em ambiente escolar, abordando a pressão exercida pelo vestibular com a finalidade de construir um bem-estar emocional e psicológico nessa comunidade.

O objetivo geral era melhorar a saúde mental e o bem-estar emocional dos participantes. Os objetivos específicos incluíam a identificação dos fatores de pressão e ansiedade, a promoção de técnicas de relaxamento e a criação de um espaço seguro para a expressão de sentimentos. O problema abordado foi a alta pressão exercida sobre os alunos e professores em relação ao vestibular e suas consequências para a saúde mental.

2. DESENVOLVIMENTO

Foi possível observar que os temas abordados como carreira, vestibular e futuro geraram certo desconforto nos alunos e sentimentos como impotência, medo, insegurança e incertezas sobre o futuro vieram à tona. Pode-se concluir que estes alunos estão com severa dificuldade de processar todos esses sentimentos e pressões que a prova e os seus complementares colocam sobre eles. E quando a pressão não é um elemento que se manifesta, a desesperança se faz presente e a falta de apoio social ou insegurança associada à sua própria capacidade são os fatores que influenciam para que não haja grande aflição acerca deste momento. Considerando esses agravantes, é natural que haja desconforto ao abordar os temas.

As respostas do formulário foram relativamente diversas, mas houveram alguns pontos em comum. 80% dos alunos que responderam ao questionário precisam se preocupar em receber dinheiro para ajudar em casa, e 70% sentem

que sua entrada na faculdade poderá ser dificultada devido a fatores sociais (tais como raça, renda, identidade de gênero, orientação sexual, deficiência, entre outros). A respeito das categorias analisadas, em panorama geral a média das respostas dos alunos se dispõe da seguinte forma:

3. METODOLOGIA

A metodologia do projeto foi planejada com diversas técnicas para promover acolhimento e escuta ativa, assim como recolher dados para fins de pesquisa. Tais técnicas incluem: rodas de conversa, formulários desenvolvidos pela equipe e técnicas para auxiliar os alunos no alívio do nervosismo e ansiedade.

As rodas de conversa iniciaram o processo de intervenção na escola estadual. Esta abordagem começou com a apresentação de todos os presentes no ambiente, e teve como objetivo reduzir a ansiedade e criar um ambiente seguro e acolhedor para os beneficiados. Estudos indicam que a participação ativa está correlacionada com melhores resultados terapêuticos e de intervenção (Knobel, 2006), evidenciando a importância dessa fase inicial para estabelecer uma base sólida de confiança e envolvimento entre os participantes.

Para captar as percepções dos participantes sobre diversos fatores relacionados ao estresse e ansiedade, foram desenvolvidos formulários específicos. No caso dos alunos, o formulário consistia em 22 afirmações em primeira pessoa, utilizando a escala Likert para medir o nível de identificação dos alunos com tais afirmativas. As categorias analisadas incluíam: pressão, frustração do desempenho acadêmico, segurança, apoio familiar/acadêmico/social, conhecimento do mercado de trabalho e autoconhecimento. Este instrumento permitiu uma análise detalhada dos fatores que mais influenciavam o bem-estar emocional dos estudantes.

Devido às dificuldades de acesso e ao tempo limitado dos professores, foi criada uma versão online do formulário destinada a este grupo. Esta versão continha 20 afirmações baseadas em 5 níveis de identificação, além de 4 perguntas complementares focadas na vida profissional e no bem-estar dos docentes e essa adaptação foi fundamental para o desenvolvimento do projeto. As categorias analisadas neste questionário incluíam: segurança, motivação,

estresse, pressão e recompensa. A categoria segurança refere-se a como os entrevistados enxergam e valorizam seus próprios desempenho e capacidade como docentes. Motivação está associada a vontade do trabalhador de permanecer exercendo suas funções e ela pode ter raízes internas ou externas. Já a categoria estresse tem como objetivo medir como os entrevistados reagem ao ambiente profissional e com o volume de atribuições de atividades. Já a categoria pressão, teve como objetivo analisar quanto como e porque os professores se sentem pressionados na vida profissional.

Após as rodas de conversa e a aplicação dos formulários foram ensinadas técnicas de respiração para auxiliar os alunos no alívio do nervosismo e ansiedade. Essas técnicas - amplamente reconhecidas por sua eficácia na redução do estresse e promoção do bem-estar mental (Kabat-Zinn, 1990) - tiveram boa aceitação entre os alunos, que relataram sentir-se mais relaxados depois de utilizá-las. Além disso, foi proposto um exercício onde os alunos escreveram anonimamente sobre seus pensamentos e sentimentos em relação ao vestibular, à fase atual de suas vidas e ao que é esperado deles. Os papéis foram colocados em uma caixa lacrada e que só seria aberta após a intervenção. O recurso do anonimato foi chave essencial para criar uma segurança dos participantes para escreverem o que quisessem sem medo do julgamento.

A seguir, um dos relatos anônimos da caixa.

“Eu me sinto muito cobrada, não só com os parentes familiares ou amigos, mas eu mesma venho me cobrando. Gosto de fazer várias coisas, tenho interesse em fazer curso de manicure, cabelereiro ou designer, mas acho que isso não é um trabalho muito valorizado.”

A combinação dessas abordagens metodológicas - rodas de conversa, formulários estruturados e técnicas de controle de ansiedade - permitiu uma intervenção abrangente e eficaz. Ao promover um ambiente seguro e acolhedor para a expressão de sentimentos, o projeto não só identificou os principais fatores de estresse e ansiedade, mas também forneceu ferramentas práticas para ajudar os participantes a lidarem com essas pressões. Este processo metodológico destacou a importância de uma abordagem holística e participativa na promoção da saúde mental e do bem-estar emocional em contextos educacionais e profissionais.

Foi possível observar que os temas abordados como carreira, vestibular e futuro geraram certo desconforto nos alunos e sentimentos como impotência, medo, insegurança e incertezas sobre o futuro vieram à tona. Pode-se concluir que estes alunos estão com severa dificuldade de processar todos esses sentimentos e pressões que a prova e os seus complementares colocam sobre eles. E quando a pressão não era um elemento que se manifestava, a desesperança se fazia presente e falta de apoio social ou insegurança associada à sua própria capacidade eram os fatores que influenciavam para que não houvesse grande aflição acerca deste momento. Considerando esses agravantes, é natural que haja desconforto ao abordar os temas.

As respostas do formulário foram relativamente diversas, mas houve alguns pontos em comum. 80% dos alunos que responderam ao questionário precisam se preocupar em receber dinheiro para ajudar em casa, e apenas 30% sentem que sua entrada na faculdade não será dificultada devido a fatores sociais (tais como raça, renda, identidade de gênero, orientação sexual, deficiência, entre outros).

Com o recolhimento dos dados, estes foram os resultados:

ALUNOS

Gráfico 1 — Pressão

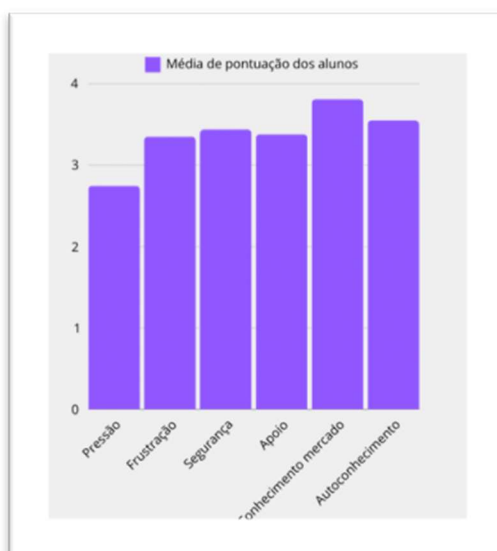


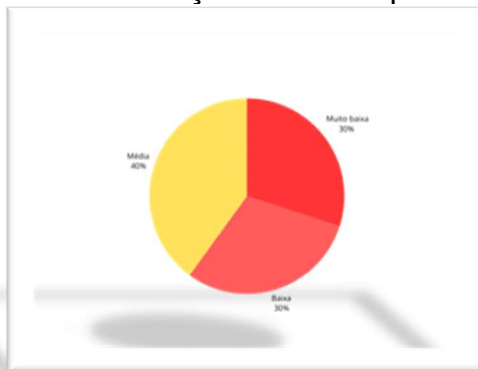
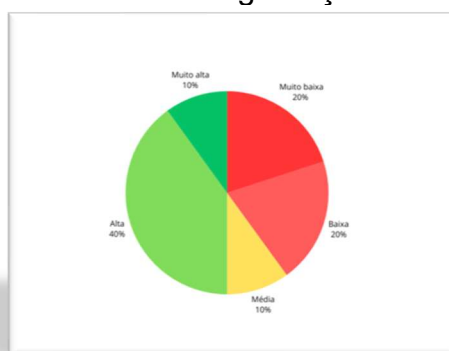
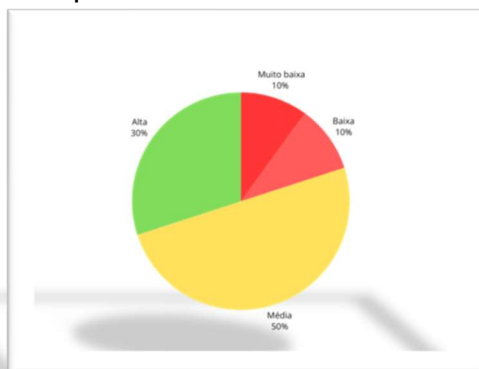
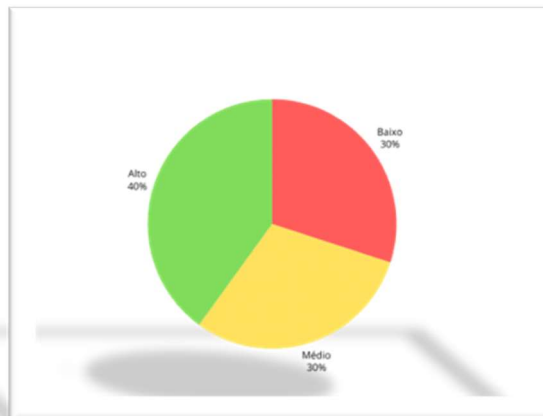
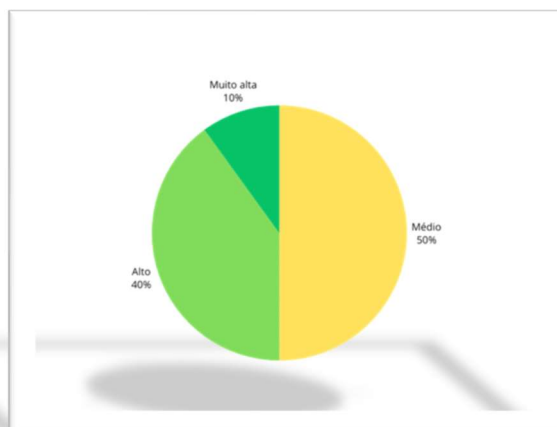
Gráfico 2 — Frustração do desempenho**Gráfico 3 — Segurança****Gráfico 4 — Apoio acadêmico familiar e social****Gráfico 5 — Conhecimento do mercado de trabalho**

Gráfico 6 — Autoconhecimento

- 4 de 10 alunos apresentaram alta frustração do desempenho
- 4 de 10 alunos apresentaram média pressão
- 5 de 10 alunos apresentaram média segurança
- 4 de 10 alunos apresentaram alto apoio
- 50% dos alunos apresentaram médio conhecimento do mercado de trabalho
- 50% dos alunos apresentaram alto autoconhecimento

PROFESSORES

O gráfico a seguir refere-se à pontuação dos professores nas respectivas categorias. a pontuação varia de 1 a 5, sendo 5 o maior nível e 1 o menor.

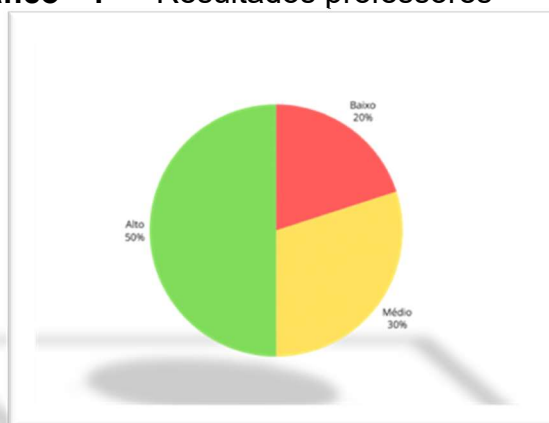
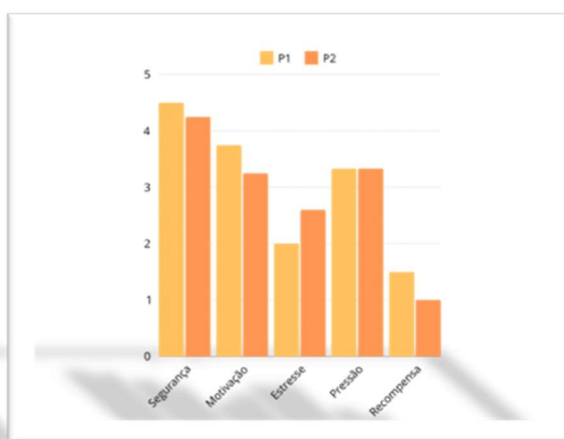
Gráfico - 1 — Resultados professores

Gráfico 2 – Resultado dos professores

A partir da análise das repostas foi possível concluir que:

- O nível mais baixo foi na categoria recompensa e o mais alto foi em segurança.
- Foi relatado por P2 que falta interesse por parte dos alunos
- A vida profissional afeta a pessoal limitando a quantidade de tempo disponível para outras atividades
- Em unanimidade a profissão foi descrita como gratificante
- Em geral, apesar de se sentirem motivados os entrevistados revelaram que se sentem pouco recompensados por seus esforços.
- Ambos entrevistados se sentem amplamente insatisfeitos com suas remunerações
- P1 expressou que não sente que tem uma rede de apoio sólida em que possa compartilhar seus pensamentos e sentimentos, e P2 que relatou ter seu tempo na vida pessoal afetado pelo trabalho disse que sua rede de apoio são alguns colegas de profissão.

4. ANÁLISE E CONCLUSÃO

Diante do que foi trazido para o grupo durante a intervenção e dos dados coletados após, é possível concluir que os aspectos abordados com os estudantes interferem ativamente sua saúde mental de forma negativa, especialmente pressão, frustração do desempenho e apoio socioeconômico-cultural.

Este trabalho contou com, não só o foco na saúde mental, mas também uma abordagem holística para compreensão de que se a saúde mental desses grupos beneficiados está prejudicada, quais motivos podem ter levado a essa defasagem além de intervir e incentivar a busca por autoconhecimento.

O projeto foi rico pois através dele foi possível criar um ambiente descontraído e seguro para esses jovens, mas algumas questões que os atravessam fogem do escopo da intervenção. Portanto, é recomendado que as instituições educacionais organizem workshops de gestão de tempo e técnicas de estudo bem como promovam atividades físicas regulares e atendimento psicológico para docentes e discentes. Além disso, cabe ao Governo (em suas esferas Federal, Estadual e Municipal), instituições de ensino e instituições privadas proporcionar apoio socioeconômico-cultural para os jovens como: bolsas de estudo, alimentação, transporte, e acesso a recursos culturais e de lazer, para garantir que todos os alunos, independentemente de sua situação financeira, tenham as mesmas oportunidades de sucesso.

ANOTAÇÕES

Já fora da intervenção, o grupo se atentou a alguns detalhes. Na parede da instituição que continha um mural de formandos, as turmas progressivamente ficaram menores, e um 3º ano que tinha cerca de 35 alunos a 5 anos atrás atualmente (em 2024) possui 12 alunos matriculados. Vários fatores podem ter influenciado essa diferença brusca, tais como a pandemia, a transformação do Ensino Médio em integral, condições econômicas. Este estudo não aprofundou questões relacionadas à evasão escolar, portanto recomenda-se a realização de um estudo mais aprofundado acerca das motivações atuais da evasão escolar no Brasil e a devida aplicação das medidas cabíveis.

Também anterior à intervenção do grupo, em um alinhamento com uma participante do corpo docente, foi relatado que os alunos se sentem desmotivados com os estudos e quando perguntados: “O que você quer ser quando crescer?” uma resposta já dada por um dos alunos é “O jeito é ser patrão, né (nome fictício)?”. Esse padrão de resposta nessa escola pública não é incomum, e assim é possível perceber que a desesperança para a vida

profissional desses sujeitos, a evasão escolar e a falta de investimento em educação básica no Brasil estão profundamente atrelados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Faculdade de Educação. Disponível

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/31319/1/2022_ErikaVictoriaTeixeiraNascimento_tcc.pdf. Acesso em: 3 mai. 2024.

NASCIMENTO, Erika Victória Teixeira. **Fatores escolares associados a saúde mental de estudantes do ensino médio**. Brasília, 2022, p. 23-29 Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Universidade de Brasília

PRÓ-VIDA. **Respirar corretamente ajuda a diminuir o estresse**. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. 2019. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-aco-es/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/respirar-corretamente-ajuda-a-diminuir-o-estresse#:~:text=-%20Inspire%20pela%20narina%20esquerda%20e,polegar%20e%20expire%20pela%20esquerda>. Acesso em: 3 mai. 2024.

SPARTA, Mônica ; BARDAGI, Marúcia Patta; TEIXEIRA, Marco Antônio P.. Modelos e Instrumentos de Avaliação em Orientação Profissional: Perspectiva Histórica e Situação no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 7, n. 2, p. 19-32, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v7n2/v7n2a04.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2024.

ANEXOS

Imagem 1— Questionário alunos

QUESTIONÁRIO - ALUNOS		
1	Eu conheço minhas profissões de interesse e o que eu preciso para atingi-las	☹️☹️☹️☹️☹️
2	Eu já pensei em abandonar os estudos	☹️☹️☹️☹️☹️
3	Eu tenho dúvida sobre o que fazer depois do EM e isso me assusta	☹️☹️☹️☹️☹️
4	Eu não sou apoiado a fazer uma faculdade	☹️☹️☹️☹️☹️
5	Eu me sinto pressionado a fazer uma faculdade	☹️☹️☹️☹️☹️
6	Eu acredito que só serei bem-sucedido se me sair bem no ENEM.	☹️☹️☹️☹️☹️
7	Eu me sinto pressionado pelos meus pais/familiares/amigos/professores	☹️☹️☹️☹️☹️
8	Eu vejo a faculdade como única chance de crescer profissionalmente	☹️☹️☹️☹️☹️
9	Eu sinto que sempre esperam mais de mim	☹️☹️☹️☹️☹️
10	Eu me sinto frustrado com meu desempenho na escola	☹️☹️☹️☹️☹️
11	Eu não sei o que gosto	☹️☹️☹️☹️☹️
12	Eu acredito no meu potencial	☹️☹️☹️☹️☹️
13	Eu me saio muito bem academicamente	☹️☹️☹️☹️☹️
14	Eu não sei o que fazer para entrar na faculdade	☹️☹️☹️☹️☹️
15	Eu não sei qual curso quero fazer	☹️☹️☹️☹️☹️
16	Eu sei quais são minhas possibilidades de acordo com meus interesses e renda	☹️☹️☹️☹️☹️
17	Eu não consigo organizar meus estudos como gostaria	☹️☹️☹️☹️☹️
18	Eu tenho estrutura financeira para estudar	☹️☹️☹️☹️☹️
19	Eu não preciso me preocupar com receber dinheiro para ajudar minha família	☹️☹️☹️☹️☹️
20	Eu sinto que minha entrada na faculdade pode ser dificultada devido à fatores sociais (raça, renda,...)	☹️☹️☹️☹️☹️
21	Eu não conheço muitas profissões e não procuro pesquisar	☹️☹️☹️☹️☹️
22	Eu acho que se continuar como estou não conseguirei bons resultados no ENEM.	☹️☹️☹️☹️☹️

Imagem 2 — Critérios de avaliação - alunos

Critérios de avaliação

Formulário - alunos

- Inversão:
2, 3, 4, 11, 14, 15, 20, 21
- Pressão:
5, 6, 7, 8
- Frustração do desempenho:
9, 10, 17, 22
- Segurança:
2, 3, 12, 13
- Apoio familiar/acadêmico/social:
2, 4, 18, 19, 20
- Conhecimento do mercado de trabalho:
1, 14, 16, 21
- Autoconhecimento:
1, 11, 15, 16

Imagem 3 — Questionário - professores

QUESTIONÁRIO - PROFESSORES

1	Eu me sinto preparado para passar meu conhecimento adiante	
2	Eu me sinto estressado com a quantidade de trabalho	
3	Eu me sinto em parte responsável pelo futuro dos meus alunos	
4	Eu espero que meus alunos tomem as melhores decisões e isso me assombra	
5	Eu me sinto não apreciado no trabalho	
6	Eu tenho medo de não ser suficiente para fazer a diferença na vida dos meus alunos	
7	Eu me sinto esgotado	
8	Eu não tenho motivação para trabalhar	
9	Sinto que meus esforços valem a pena	
10	É gratificante reencontrar antigos alunos e ver que eles amadureceram profissionalmente	
11	Eu considero meu trabalho muito pouco valorizado	
12	Eu me sinto bem com minha remuneração	
13	Eu sinto que o 3º ano não está engajado com minha matéria de humanas	
14	Eu sinto que o 3º ano não está engajado com minha matéria de exatas	
15	Eu sinto que o 3º ano não está engajado com minha matéria de biológicas	
16	Eu sinto que o 3º ano não está engajado com minha matéria de linguagens	
17	Eu me sinto ansioso (a) com frequência	
18	Não me sinto desafiado no trabalho, e isso me desmotiva	
19	Tenho desafios demais no trabalho e sinto que não consigo superá-los	
20	Eu valorizo meu trabalho como professor(a)	

Perguntas complementares:

- Qual(is) matéria(s) você leciona para o 3º ano?
- Você gostaria de compartilhar algo sobre sua experiência como professor(a) do 3º ano?
 - Como tem se sentido de maneira geral? Você tem uma rede de apoio com a qual sente que pode compartilhar seus pensamentos e sentimentos?
 - Como e o quanto sua vida profissional afeta a pessoal?

Imagem 4 — Critérios de avaliação - professores

Critérios de avaliação	
Formulário - professores	
• Inversão:	5, 6, 8, 11, 19
• Desinteresse pela matéria:	14, 15, 16, 17
• Segurança	1, 6, 19, 20
• Motivação	5, 8, 9, 10
• Estresse	2, 7, 17
• Pressão	3, 4, 19
• Recompensa	11, 12, 20

Imagem 5 — Lembrancinha**Imagem 6 — Colocando o relato na caixa**
Imagem 7 — Alunos preenchendo o questionário**Imagem 8 — Roda de conversa**

PPA 03 – ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DE PACIENTES EM TRATAMENTO

NEFROLÓGICO- Giovanna Cristina; Leticia Novy; Kethellen Lorryne

Goncalves Dias; Vitoria Pereira Brito Araujo; Rizia Maria

1 INTRODUÇÃO

No presente relatório será abordado o impacto da hemodiálise na qualidade de vida e nas relações sociais de pacientes renais crônicos. Como estudantes do curso de Psicologia, temos como objetivo investigar esses impactos por meio de uma pesquisa qualitativa que incluirá estudos de caso com pacientes em terapia hemodialítica.

Os rins são os órgãos responsáveis por muitas funções em nosso organismo, sendo a principal delas filtrar o sangue para eliminar toxinas nele presentes. Eles também equilibram a pressão arterial, controlam a quantidade de água e sais minerais no corpo e auxiliam a produção de glóbulos vermelhos. Diante disso, vemos a importância do perfeito funcionamento desse órgão. No entanto, a função renal pode ser parcialmente ou totalmente comprometida, podendo ser necessário a diálise e/ou o transplante renal. Nesse sentido, a diálise é um procedimento artificial de remoção dos resíduos e da água em excesso no sangue que oferece duas principais formas de tratamento: a diálise peritoneal e a hemodiálise. A hemodiálise é um processo externo, realizado por máquinas especializadas, enquanto a diálise peritoneal ocorre no interior do organismo. Segundo dados da Sociedade Brasileira de Nefrologia, a cada ano cerca de 21 mil brasileiros iniciam o tratamento por diálise. Em nosso país, o número de pacientes renais que passaram por diálise cresceu 80 mil, no período de 2000 a 2017. Diante do exposto, é evidente que pacientes sujeitos ao tratamento renal enfrentam desafios psicossociais significativos e necessitam de uma maior atenção em relação a esses aspectos, visto que as doenças físicas podem acarretar às doenças psicológicas, seja pelo seu estado ou pelo abandono por parte de amigos e familiares. Por isso, temos como objetivo principal analisar os impactos sociais e psicológicos da terapia hemodialítica na vida de pessoas em tratamento na cidade de Belo Horizonte. Como objetivos secundários, visamos entender o funcionamento desse tratamento, assim como

as experiências de vida das pessoas afetadas e elaborar uma intervenção que alivie, mesmo que parcialmente, o sofrimento delas.

2- DESENVOLVIMENTO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como "O estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença". De acordo com essa afirmativa, é evidente que pacientes em terapia hemodialítica, assim como seus familiares, podem ter sua saúde afetada de forma significativa. O tratamento de hemodiálise tem diversas consequências na vida dos pacientes, afetando não apenas sua saúde física, mas também seu bem-estar emocional e social. Além disso, a falta de conhecimento prévio sobre a doença renal e seu tratamento pode aumentar os níveis de ansiedade e incerteza, contribuindo para sentimentos ambíguos e medos, os quais podem comprometer negativamente tanto a evolução clínica quanto a qualidade de vida e a capacidade funcional dos pacientes. Nesse sentido, a longa exposição ao tratamento delicado pode até mesmo desencadear problemas psicológicos, destacando a importância de um suporte abrangente para os pacientes em hemodiálise. Dessa forma, é possível perceber que as dificuldades e desafios enfrentados pelos pacientes em hemodiálise são multifacetadas.

Fernando Bignardi, geriatra do Centro de Estudos do Envelhecimento da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), afirma: "Pessoas inseridas em uma comunidade lidam com adversidades de uma forma mais efetiva. O indivíduo muda a forma como encara o obstáculo e isso repercute no corpo". Essa reflexão ressalta a importância das relações sociais para indivíduos enfrentando desafios como os pacientes em tratamento de hemodiálise. Com sessões frequentes de até três vezes por semana, cada uma podendo durar até quatro horas, esses pacientes enfrentam uma série de desafios em sua vida social. As interações sociais se tornam restritas devido ao compromisso constante com o tratamento, enquanto suas atividades de lazer são significativamente limitadas. Praticar esportes pode ser impossível devido às limitações físicas impostas pela condição de saúde. Além disso, o desgaste do tratamento afeta negativamente sua vida profissional, tornando difícil manter um equilíbrio entre trabalho e cuidados médicos. Essas dificuldades sociais podem

colocar uma pressão adicional sobre as relações familiares e de amizade, exigindo um apoio e compreensão significativos do círculo de apoio do paciente.

3- METODOLOGIA

Em nosso trabalho, utilizamos a investigação descritiva de cunho qualitativo com a finalidade de observar e entender a vida de pacientes submetidos à hemodiálise. Para isso, primeiramente, duas de nossas integrantes realizaram uma entrevista com a psicóloga titular do Hospital Evangélico de Venda Nova, hospital de tratamento renal na região de Belo Horizonte. Ela nos ajudou a entender o quão difícil é esse processo e a importância de um trabalho multidisciplinar dentro desses locais, contando com o apoio e participação de profissionais como psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas, enfermeiros e médicos. Para mais, fizemos uma visita guiada com o capelão deste mesmo hospital, que nos permitiu compreender de perto cada etapa desse procedimento. Após entender o contexto, construímos as perguntas para a entrevista feita para os pacientes renais selecionados.

4- RESULTADOS E CONCLUSÃO

Nesta pesquisa objetivamos descrever os impactos sociais e psicológicos da terapia hemolítica na vida de pessoas que fazem o tratamento. Para tanto, buscamos entender sobre as particularidades desse tratamento, bem como as experiências de vida dos pacientes afetados. Para isso, solicitamos o apoio do Hospital Evangélico de Belo Horizonte, uma instituição de saúde que oferece o maior serviço do SUS em Nefrologia, para que nos apresentasse o contexto do tratamento hemolítico. Além disso, após essa fase de compreensão, elaboramos um roteiro de perguntas para entrevistar quatro pacientes renais crônicos submetidos ao tratamento, cujas idades variam de 25 a 45 anos e serão identificados pelas iniciais de seus nomes para mantermos o anonimato.

Nesse sentido, com o apoio do hospital, tivemos a oportunidade de conversar com a psicóloga responsável pelos pacientes, além de realizar uma visita guiada a uma das unidades com o capelão. Esses dois momentos foram fundamentais para facilitar a compreensão da doença, do tratamento e do

contexto vivido por esses pacientes. Durante a conversa com a psicóloga, pudemos entender melhor o papel desse profissional dentro da equipe multidisciplinar do tratamento. Isso inclui, não apenas a condução adequada do acompanhamento dos pacientes em seus tratamentos com a aceitação e a tomada de decisões, mas também o oferecimento de apoio emocional e a promoção da melhoria do bem-estar e da qualidade de vida tanto dos pacientes quanto de seus familiares, especialmente em momentos delicados ou de crise oriundos da pesada carga diária do tratamento.

Para mais, a partir do relato de alguns pacientes, também pudemos notar a importância da atuação mais presente desse profissional e a forma como é percebido dentro da equipe multiprofissional.

“Lá no hospital, a gente é acompanhado pelo nosso nefrologista, que é o que cuida assim mais das questões do tratamento, e tem quem cuida literalmente do paciente, que é a assistente social, psicóloga e nutricionista.”

N.,25

“Para pacientes que estão começando agora, sabe, eu vejo que os pacientes chegam bem perdidos, então às vezes é preciso profissionais e psicólogos que tirem um tempo para dar apoio, porque é primordial para os pacientes e seria muito bacana, porque isso é essencial para qualquer paciente que esteja passando por isso e seja qual for o tratamento. A gente precisa muito, sabe, desse acolhimento, dessa rede de apoio.”

N., 25

“... na clínica eles tinham psicólogos, só que eu estava tão debilitado, estava tão mal, que eu não queria nem passar no psicólogo. Que eu queria ficar comigo mesmo, com meus pensamentos e eu não queria passar nem no psicólogo. por fim aí eu chorava todo dia no início dentro da sala, aí por fim a psicóloga foi até mim, conversamos, fiz umas três sessões, mas eu parei de ir, porque depois eu fui tentando me recuperar, eu comigo mesmo, sabe? E fui aceitando até que eu me aceitei, deu tudo certo.”

C.,35

“... Se eu te falar que eu vi a psicóloga três ou quatro vezes nesses sete anos que eu estou é muito. E a terapia ajuda muito. . . Muitas das vezes eu acredito que a equipe que tem que procurar o paciente, principalmente nessa questão da psicóloga. E igual eu falei para você hoje em dia, para ser sincera eu nem sei quem que é a nutricionista lá no hospital, a psicóloga eu vi ela pouquíssimas vezes.”

N., 25

Vale ressaltar que os sujeitos relataram sentimentos de tristeza, medo, revolta e ansiedade vivenciados no início da descoberta da doença. Além disso,

podemos perceber o quanto a rotina e as consequências do tratamento afetam os aspectos sociais dos sujeitos, uma vez que se torna necessário reorganizar todos os aspectos da vida a fim de incorporar a doença. Em todos os casos analisados, os pacientes precisaram deixar o emprego pela dificuldade da logística na rotina de trabalho e tratamento. Neste mesmo aspecto, foi possível perceber a diminuição das atividades de lazer em virtude das dificuldades físicas e das privações.

“...pra fazer hemodiálise eu tinha que tomar um do remédio de enjoo e um remédio de ansiedade pra chegar e conseguir fazer, senão eu começava a chorar e quando você começa a chorar, ter ansiedade, você tem vontade de sair correndo, arrancar a agulha do braço, sabe? É muita loucura. É uma pressão muito grande também na cabeça da gente. Fica ali. É um momento muito pesado.”
C.;35

“É um tratamento cansativo, é angustiante, é desesperador”
C.S, 45

“E você sente que seu emocional foi muito afetado?
C: Foi. Muito, muito, muito.”
C.S, 45

“Durante o tratamento várias vezes eu peço perdão a Deus hoje, porque eu cheguei, estar passando mal na máquina e pedi ele pra me levar embora.”
C;. 35

““aquilo ali foi só me desanimando, só me deixando pra baixo a fisionomia muda né porque sua pele fica de outra cor vai você vai ficando meio acinzentado ,são várias fases que você está magro ou você pega inchaço sabe, tipo é é isso e assim a nossa imagem né a gente zela muito pra questão de de estética aí sua autoestima cai e aí você desanima você fica questionando a Deus porque isso porque aquilo, aí hoje eu cheguei até o ponto de desistir de pedir pra poder ir embora porque já não estava aguentando já é um processo muito muito pesado”
C., 35

Além disso, na visita guiada, tivemos contato direto com pacientes que iriam iniciar a hemodiálise e pudemos observar a rotina que vivem durante os três dias da semana que vão ao hospital para o tratamento. Além dos espaços de convivência comuns no hospital, fomos apresentadas a diversos projetos que visam aumentar a interação e conexão entre os pacientes, tornando o hospital um espaço facilitador para o estabelecimento de dinâmicas sociais. A título de exemplo, eles conduzem um projeto educacional do EJA (Educação de Jovens

e Adultos) que oferece a oportunidade de estudar durante o tratamento para aqueles pacientes que, por algum motivo, tiveram que interromper seus estudos. Todo o material utilizado para o estudo é ofertado pelo Governo e, ao final desta formação, é realizada uma formatura no próprio hospital. Segundo relatos, esse projeto tem motivado e promovido esperança de futuro a esses pacientes.

“Antes de descobrir o problema, eu era muito ativo, fazia muita coisa. Então afetou meu sono, comecei a ter insônia. Tiveram alguns momentos complicados de aceitação com a doença também, de não conseguir aceitar que aquilo estava acontecendo comigo. Mas hoje, posso dizer que estou bem.”

M., 35

“Como você se viu após a descoberta da doença?”

C: Ah, angustiado, né? Porque tinha vida saudável e fazia as minhas coisas e de forma natural, né? E agora depois da doença isso tudo transformou né? Eh não trabalho, fico mais em casa mesmo então assim é angustiante depois da doença, né? Porque a situação toda fugiu do meu controle né? Isso aí é psicologicamente, financeiramente, toda situação foi transformada através da doença.”

C.S, 45

Para além, durante a visita com o Capelão, aprendemos que muitos pacientes renais necessitam de transfusão sanguínea devido à anemia causada pelo tratamento, além das cirurgias corriqueiras. Por isso, em paralelo com nossa pesquisa, nos propusemos a auxiliar no processo de captação de novos doadores de sangue para esses pacientes. Para isso, trabalhamos em um processo de conscientização e disseminação de informações sobre esse cenário através de post em redes sociais e panfletagem na faculdade. Além disso, em parceria com o HEMOMINAS, desenvolvemos uma campanha de doação sanguínea em nome de "Psicologia FAMINAS", que estará em vigor até o dia 20 de julho de 2024. Todo o sangue doado será direcionado aos pacientes renais do Hospital Evangélico.

Por fim, as constatações feitas pelas entrevistas e observações experienciadas nos permitem afirmar que os aspectos psicossociais dos pacientes renais crônicos são significativamente alterados após o diagnóstico e o início da terapia hemodialítica. No entanto, apesar dessas mudanças, eles podem viver uma vida normal dentro do possível. Com o auxílio da equipe médica e, especialmente, com o suporte psicossocial oferecido pela psicologia, esses pacientes podem alcançar uma boa qualidade de vida e viver bem.

“Sinceramente, antes de ter esse problema renal, eu via as pessoas que tinham e eu achava que era o fim do mundo. Eu ficava sabendo de pessoas que tinham esse problema e que estavam fazendo hemodiálise e eu achava que elas não duravam muito tempo. E aí quando aconteceu comigo, eu pensei: "será que acabou pra mim também?" e não acabou né. Se você tratar, se você entender o que você tem, se tentar ficar com a mente forte, você consegue viver uma vida, dentro do possível, normal... não é o fim, não acabou. Na verdade, a hemodiálise e a diálise é uma sobrevida para a pessoa. Então, se essa pessoa aproveita essa oportunidade desse tratamento, ela consegue viver bem até o transplante.” M., 35

“Então eu acho que é normal, a vida segue normal, não tem observação nenhuma fazer e vamos seguindo.” C.S, 45

5- REFERÊNCIAS

Fresenius Medical Care. O que é a diálise? Disponível em:

<<https://www.freseniusmedicalcare.pt/pt/doentes-familiares/o-que-e-a-dialise#:~:text=A%20di%C3%A1lise%20%C3%A9%20um%20procedimento>>.

Acesso em 01 de Abril de 2024

DaVita Tratamento Renal promove ações de prevenção no Dia Mundial do Rim comemorado no dia 14 de março. Disponível em:

<<https://www.davita.com.br/tratamento-renal/sobre-davita/sala-de-imprensa/davita-tratamento-renal-promove-acoes-de-prevencao-no-dia-mundial-do-rim-comemorado-no-dia-14-de-marco>>. Acesso em: 2 abr. 2024.

HARTMANN, M. Saúde e bem-estar: Relações sociais são tão importantes para a saúde quanto exercícios. Casa Pino, 2018. Disponível em:

<<https://casapino.com.br/viver-bem/saude-e-bem-estar/relacoes-sociais-sao-tao-importantes-para-a-saude-quanto-exercicios/>>. Acesso em: 03 de Abril de 2024.

MOREIRA, J. M. et al. Neuropsychiatric disorders and renal diseases: an update. Brazilian Journal of Nephrology, v. 36, n. 3, p. 396–400, 1 set. 2014.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jbn/a/SjKDbtYVQJMhy3zkvpYZ6FR/>>. Acesso em: 03 de Abril de 2024.

SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de saúde. Revista de Saúde Pública, v. 31, n. 5, p. 538–542, 1997. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rsp/a/ztHNk9hRH3TJhh5fMgDFCFj/?lang=pt#not1>>. Acesso em: 03 de Abril de 2024.

6- ANEXOS

Perguntas feitas na entrevista com os pacientes renais selecionados
Me conta um pouco sobre a sua doença.
Qual tipo de tratamento você faz e qual a duração? (Horas e dias da semana)
O tratamento impacta muito na sua rotina?
Você tem algum hobby/passatempo?
Você sente que algo mudou nas suas relações sociais após o começo do tratamento?
Você sente que seu emocional foi afetado? Você recebe algum auxílio psicológico?
Quais estratégias você tem utilizado para cuidar da sua saúde mental e emocional enquanto passa por esse tratamento?
Como tem sido sua experiência com o tratamento de hemodiálise?
Você já teve momentos de desânimo ou desesperança durante o tratamento? Como você os superou?
Existe alguma atividade ou técnica de relaxamento que você ache útil para lidar com o estresse?
Você já teve dificuldade em se comunicar com a equipe médica ou em expressar suas preocupações durante as consultas?
O que te deixa mais tranquilo durante o tratamento?
Você tem conversado com alguém sobre como se sente?
Como você vê a vida após a descoberta da doença?
O que mais te preocupa em relação ao tratamento?
Existe alguma atitude que você mudou após descobrir a doença?
Como você lida com sentimentos e pensamentos negativos?
Há alguma observação, necessidade e/ou experiência que você gostaria de comentar?

Imagem do panfleto utilizado em nossa campanha de conscientização sobre doação de sangue.



Fonte: dos autores,2024.



Fonte: dos autores,2024.

PPA 04 - CUIDANDO DE SI MESMA: vivências de mães atípicas e necessidade do autocuidado-Carolina Magalhaes Lage Moraes; Paulo Diego Dornelas de Freitas; Julia Rocha Valadares; Bernardo Botelho Cabral Camara; João Marcelo Alves Calente ; Eduarda Lorena Oliveira

1. INTRODUÇÃO

O autismo é um diagnóstico incluído no Transtorno de Espectro Autista, que tem como critérios determinantes: a comunicação, a interação social, além de estereotípias de comportamento. Mães de crianças que se enquadram neste perfil de neuro desenvolvimento, tendem a enfrentar dificuldades relacionadas a intensa demanda de cuidado do filho (em decorrência das suas limitações), desavenças acerca do diagnóstico, empobrecimento, ou até a renúncia total, de sua vida social, afetiva e profissional, em prol dos cuidados maternos.

Diante disso, fica evidente a importância de se discutir as Vivências de Mães Atípicas e a Necessidade do Autocuidado, na atualidade contemporânea, a fim de compreender e contribuir na qualificação de profissionais engajados com o cuidado psicológico e social dessas mulheres.

O em torno das mães de crianças atípicas envolve uma série de desafios e questões emocionais, sociais e práticas. Muitas vezes, essas mães enfrentam dificuldades para obter apoio adequado, enfrentam preconceitos e podem sentir-se isoladas devido à falta de compreensão da sociedade em relação às necessidades específicas de seus filhos. Muitas vezes, as necessidades e desafios únicos enfrentados por mães de crianças com necessidades especiais ou condições atípicas são subestimados ou ignorados pela sociedade e até mesmo por profissionais de saúde, gerando uma sobrecarga física e emocional, já que o cuidado com crianças de necessidades especiais pode ser, por muitas vezes, extremamente exigente. Além disso, essas mulheres passam por dificuldades de acesso a recurso de apoio, impacto nas relações familiares, e por muita negligência do autocuidado, devido ao foco intenso no cuidado da criança, as mães atípicas muitas vezes negligenciam suas próprias necessidades de autocuidado, prejudicando sua saúde física e mental.

O principal objetivo desta pesquisa é realizar entrevistas detalhadas com mães que estão cuidando de crianças atípicas. Queremos entender completamente como é o seu dia a dia, quais são os desafios que elas enfrentam e quais são as coisas que elas precisam para lidar com essas situações de forma adequada. Ao conversar com essas mães, nossa intenção é ter uma visão ampla e completa das experiências delas. Queremos olhar para todos os aspectos importantes das suas vidas, para podermos compreender melhor suas necessidades e desafios. Dessa forma, pretendemos contribuir para uma compreensão mais profunda e empática das realidades enfrentadas por essas famílias, o que pode levar a melhores políticas e práticas para apoiá-las.

Neste trabalho iremos entender a realidade vivida por mães de filhos com transtornos do espectro autista, dar notoriedade para as condições que elas passaram e passam todos os dias e fazer uma reflexão para que seja possível um debate sobre o tema. Entenderemos também as dificuldades diárias, os sacrifícios, as demandas e conseguir diferenciar do indivíduo para o papel social de mãe que todas possuem. Outro ponto que será muito trabalhado é a importância do debate desta problemática, e o porquê ela não tem tanto espaço em meios de comunicação em um cenário onde o tema de transtornos do espectro autista vem ganhando cada vez a atenção e cuidado que merece.

Foi realizado entrevistas com mães atípicas buscando entender mais da realidade, história e dificuldades que elas enfrentaram por serem mães atípicas. Nessas entrevistas demos espaço para elas conseguirem externalizar suas opiniões sobre o porquê o tema da realidade em que elas vivem não é tão comentado.

2. DESENVOLVIMENTO

Para uma compreensão adequada da vivência de mães de crianças atípicas e a necessidade do autocuidado, numerosos autores realizaram estudos para o melhor entendimento ao assunto. A sobrecarga física e emocional são empecilhos pautados pelos autores no dia a dia das mães de crianças com neurodiversidades. Dessa forma, torna-se meritório discutir a importância do autocuidado materno, com o intuito de mitigar o problema.

No livro "Differently Wired: Raising an Exceptional Child in a Conventional

"World", da autora Deborah Reber é abordada a relação entre o bem-estar das mães e a prática do autocuidado. A autora destaca a relevância de conselhos práticos e as percepções valiosas de como criar filhos atípicos em contextos desafiadores contemporâneos, onde a sociedade não está preparada para receber essas crianças. O autocuidado das mães é destacado ao decorrer do livro, Deborah oferece dicas para o preparo emocional ao enfrentar os desafios que podem surgir durante a criação de filhos atípicos.

Com o propósito de entender os desafios que as mães enfrentam, a autora é reconhecida por sua abordagem prática em apoiar famílias que lidam com a neuro diversidade e discorre teorias e conceitos para dar fim aos problemas gerados. O estresse materno, a teoria da vinculação que especula a qualidade do relacionamento entre mãe e filho, a resiliência, e o empoderamento materno por meio do encorajamento as mães em se tornarem defensoras de filhos, são teorias que visam a diminuição dos empecilhos gerados. Além de Deborah, a jornalista e autora Amy Silverman também escreveu um livro para mostrar as vivências da criação de filhos atípicos. O livro de Amy conhecido como "My Heart Can't Even Believe It: A Story of Science, Love, and Down Syndrome", compartilha os aspectos emocionais, físicos e práticos de criar sua própria filha com síndrome Down. Suas experiências e relatos vão desde a descoberta da condição até os primeiros anos devida de Sophie.

No livro, Amy também aborda questões mais amplas relacionadas à síndrome de Down, incluindo estereótipos e desafios enfrentados por famílias de crianças atípicas. A importância da aceitação, inclusão e apoio comunitário para crianças com síndrome de Down são pontos discutidos ao decorrer da história. "My Heart Can't Even Believe It" é aclamado pelo público por oferecer uma perspectiva autêntica e comovente sobre a experiência de ser mãe de uma criança com síndrome de Down, enquanto também desafia os estigmas e promove a compreensão e empatia em relação às pessoas com deficiência.

Levando em consideração todos os fatores que acarretam empecilhos físicos e emocionais, a autora não oferece teorias específicas para enfrentar a síndrome de Down. No entanto, Silverman destaca a importância de educar as pessoas sobre a síndrome de Down, promovendo uma sociedade de respeito e melhor entendimento em relação os indivíduos com a síndrome.

Dessa forma, as percepções sobre as experiências pessoais de Amy

Silverman como mãe de Sophie, uma criança com síndrome de Down, promove uma mensagem de aceitação, amor, e um maior acolhimento às famílias que se sentem desamparadas.

3. CONCLUSÃO

O objetivo da intervenção é compreender o dia a dia de mães de crianças atípicas e o momento do autocuidado, através de uma conversa e consequentemente, um momento de distração. De início, a proposta da dinâmica seria aplicada para cinco mães, no dia 04/05/24 (sábado), no parque ecológico da Pampulha. No entanto, apenas uma mãe compareceu ao local marcado.

O encontro começou com a apresentação dos integrantes do grupo e a explicação do nosso trabalho de maneira breve. Deixamos a mãe a sós com uma parte do grupo, enquanto os outros interagem com as crianças. Começamos a fazer algumas perguntas para ela, focando em primeira instância na descoberta do diagnóstico do filho.

“Como você descobriu que o Domick tem o transtorno do espectro autista (TEA)?”

Mãe: “Me chamou a atenção que o Domick não olhava para gente , mesmo chamando ele muitas vezes.”

O comportamento de não olhar nos olhos é comumente associado ao autismo. Muitas pessoas no espectro autista podem sentir desconforto ou dificuldade em manter contato visual.

Em um segundo momento da roda de conversa, o diálogo foi direcionado para o autocuidado materno. Questionamentos sobre as atividades de lazer, redes de apoio, se tornaram pautas durante nosso tempo juntos.

“Você consegue tirar um tempo livre para fazer as suas atividades?”

Mãe: “Infelizmente não, eu não costumo ter um tempo livre, estou sempre fazendo algo com as crianças ou para elas”

“Quando você possui o tempo livre, o que gosta de fazer?”

Mãe: “As poucas vezes que tenho livre, eu gosto de assistir uma série, mas eu

estou sempre muito cansada e acabo cochilando”.

“Você costuma sair com suas amigas, família, para se distrair?”

Mãe: “Quase nunca, a última vez que eu fiz isso, nem me lembro quando foi. Eu já fiquei assustada por conseguir chegar às 22h30 em casa, coisa que não é comum.”

Levando em consideração os relatos exaustivos da mãe, direcionamos a conversa para a rede de apoio. Tornou-se notório o quanto essa mãe se sentia desamparada e cansada com sua rotina.

“E em relação a sua rede de apoio, você se sente amparada?”

Mãe: Depois que minha mãe se mudou para outro estado, me sinto sozinha com os dois filhos. Meu marido é a pessoa mais próxima à mim no momento, no entanto, quando ele está em casa, só fica no celular e não me ajuda em nada”

“E se você tentasse um diálogo com o seu marido, pontuando toda sua rotina cansativa em ter que lidar com duas crianças?”

Mãe: “Eu já tentei, mas para ele tudo funciona a base de troca, uma vez combinamos que uma sexta-feira sim e outra não teríamos um revezamento em olhar as crianças, e enquanto isso, o outro poderia sair para se divertir com amigos. Mas não é fácil passar 5 dias da semana com as crianças e apenas 1 noite de descanso, enquanto ele vai descansar mesmo que a casa esteja de cabeça para baixo.”

Em síntese, levando em consideração as respostas apresentadas pela mãe sobre sua realidade, é perceptível o quão desafiador pode ser a maternidade de crianças atípicas. A figura materna cumpre com suas responsabilidades da melhor maneira possível, entretanto, se sente sobrecarregada por não ter uma rede de apoio adequada.

Visando mitigar os empecilhos enfrentados pela mãe na criação de seus filhos, é importante que uma rede de auxílio seja construída. A presença paterna na criação dos filhos teria uma colaboração importante, principalmente, na tentativa de balancear as obrigações com a mãe. Além disso, combinados

podem ser estabelecidos, como, dois dias da semana a mãe teria o direito de realizar algo que goste, visando sempre o autocuidado, uma vez que, durante toda a conversa, a mãe relata dificuldades em cuidar de si mesma.

Dessa forma, as obrigações, os cuidados, a visão de algum adulto de referência, não seria apenas da mãe e sim, de ambos.

4 - REFERÊNCIAS

CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; SILVA, Laila Cristina; RIBEIRO Maria Cristina Cardoso. "Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito": Vivências de Mães de Crianças com Autismo. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 23, n. 1, p. 47-58, jan./mar. 2018.

REBER, Deborah. Differently Wired: raising an exceptional child in a conventional world. Amsterdã: Workman Publishing, 2018. 288 p.

SILVERMAN, Amy. My Heart Can't Even Believe It: A Story of Science, Love, and Down Syndrome. Arizona: Woodbine House, 2016. 282 p.



Fonte: dos autores, 2024

ANEXO:

<https://youtu.be/Gc6YEIhQOEE>

PPA 05 – PROFISSÕES ESSENCIAIS E INVISÍVEIS- Ana Clara Lourenço;
Ariane Duarte; Kelly Oliveira; Larissa Marcela; Natália Almeida; Rhayssa
Martins Romagnoli; Sofia Sabino; Tulya Giordana; Walquiria Ricoy de Carvalho

1 – INTRODUÇÃO

A invisibilidade no ambiente de trabalho é um sintoma evidente de desrespeito e desvalorização, afetando diversos profissionais cujo trabalho é voltado para o público, como garis, entregadores, ascensoristas, jardineiros, faxineiros, coveiros, recicladores, entre outros. Além de desempenharem suas tarefas frequentemente sem serem percebidos, esses profissionais enfrentam uma carência de reconhecimento adequado em relação à remuneração e às condições de trabalho. Quando confrontados com essa realidade, os trabalhadores invisíveis reconhecem a relação entre a má distribuição de renda e a desigualdade, levando-os a considerar o trabalho como a rota apropriada para abordar essas questões. A respeito a este desrespeito, Costa afirma:

A humilhação social apresenta-se como um fenômeno histórico, construído e reconstruído ao longo de muitos séculos, e determinante do cotidiano dos indivíduos das classes pobres. É expressão da desigualdade política, indicando exclusão intersubjetiva de uma classe inteira de homens do âmbito público da iniciativa e da palavra, do âmbito da ação fundadora e do diálogo, do governo da cidade e do governo do trabalho. Constitui, assim, um problema político (COSTA, 2004, p.63)

O presente trabalho visa destacar a importância desses profissionais na sociedade e na manutenção da harmonia social entre moradores e outros cidadãos que dependem dos serviços por eles prestados. Muitas vezes, só reconhecemos verdadeiramente sua relevância quando nos deparamos com a necessidade dos serviços ou na ausência deles.

O propósito é abordar de maneira clara e impactante o tema das profissões invisíveis, ressaltando como trabalhadores essenciais são frequentemente negligenciados ou menosprezados pela sociedade. É fundamental apresentar a realidade desses profissionais invisíveis, estimulando a reflexão sobre o significado de ser ignorado pela sociedade, mesmo desempenhando funções vitais.

Serão explorados exemplos práticos, como o trabalho dos garis, coveiros, recicladores e faxineiros, que rotineiramente passam despercebidos ou são alvo de humilhações.

Profissionais responsáveis por tarefas essenciais, como a limpeza das ruas, a coleta de lixo, a reciclagem, o preparo para o sepultamento e a faxina, frequentemente enfrentam invisibilidade e desvalorização.

A questão da invisibilidade e desvalorização é minuciosamente explorada, evidenciando como esses trabalhadores são frequentemente menosprezados e marginalizados, apesar da sua importância crucial para a sociedade. Entretanto, o objetivo deste estudo é investigar: como são percebidas pela sociedade as profissões invisíveis?

Para obter informações substanciais, serão realizadas entrevistas e um acompanhamento diário das atividades desses profissionais, com o propósito de coletar relatos de humilhações e exclusões enfrentadas por eles, assim como identificar exemplos de superação e momentos de alegria.

Promover a conscientização sobre a importância de reconhecer e valorizar as profissões invisíveis, destacando os obstáculos enfrentados por esses trabalhadores e encorajando uma reflexão sobre a urgência de uma mudança de mentalidade. Estimular reflexões que transcendam a mera descrição das dificuldades enfrentadas por esses profissionais, buscando sensibilizar os indivíduos e promover uma transformação na perspectiva de valorização do trabalho humano em todas as suas manifestações.

Promover a conscientização acerca da realidade e dos desafios enfrentados por profissionais frequentemente negligenciados, como garis, recicladores, coveiros e faxineiros.

Incentivar a valorização de todas as profissões, sem distinção de status social ou remuneração.

Nesse contexto, Sawaia (2009) também reflete sobre o processo de exclusão, relacionando-o ao funcionamento do sistema que estabelece e perpetua a vulnerabilidade social dos trabalhadores:

Em síntese, a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os

outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema (SAWAIA, 2009, p.9).

Humanizar a questão da invisibilidade e desvalorização no mercado de trabalho através de relatos pessoais e experiências reais.

Desafiar estereótipos e preconceitos ao ressaltar a dignidade e importância do trabalho realizado por profissionais invisíveis, visando um olhar mais inclusiva e respeitosa da sociedade.

Estimular a reflexão sobre a imprescindibilidade de reconhecer e valorizar todas as profissões como parte essencial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2 – DESENVOLVIMENTO

No desenvolvimento deste trabalho, exploraremos profundamente as características, desafios e impactos na sociedade das profissões essenciais e invisíveis.

Destacaremos a grande importância dessas ocupações para o funcionamento da sociedade, como o trabalho de garis, recicladores, coveiros e faxineiros, e como sua invisibilidade está ligada a estruturas sociais e econômicas.

Apresentaremos relatos autênticos dos profissionais entrevistados durante nossa pesquisa de campo, revelando suas vivências, desafios e aspirações, bem como os casos de discriminação e estigmatização enfrentados por eles.

Investigaremos as condições de trabalho, segurança e riscos associados, como exposição a produtos químicos e estresse emocional.

Exploraremos as implicações sociais e econômicas da invisibilidade dessas profissões, destacando como afeta indivíduos e comunidades inteiras, e discutiremos o papel dos estereótipos e preconceitos nesse contexto.

Enfataremos a resiliência e a determinação desses profissionais diante das adversidades, trazendo exemplos de superação e solidariedade, e analisaremos iniciativas de advocacia para ampliar o reconhecimento e a valorização dessas profissões.

Ao abordar esses aspectos de forma abrangente e minuciosa, nosso trabalho oferecerá uma análise aprofundada das questões relacionadas às profissões essenciais e invisíveis, contribuindo significativamente para uma compreensão mais ampla e informada desse tema crucial.

3 - METODOLOGIA

Este estudo segue uma metodologia cuidadosamente elaborada, composta por diversas etapas, cada uma projetada para proporcionar uma compreensão ampla e aprofundada das profissões invisíveis e de suas dinâmicas sociais.

Inicialmente, conduzimos um levantamento bibliográfico e documental abrangente, examinando estudos, documentos e literatura relacionados ao tema das profissões invisíveis. Essa fase foi fundamental para destacar as características, desafios e impactos dessas profissões na sociedade, fornecendo um contexto sólido para nossa pesquisa.

A pesquisa de campo foi outro componente crucial deste estudo. Realizamos entrevistas semiestruturadas com profissionais que atuam em áreas consideradas invisíveis, como garis, recicladores, coveiros e faxineiros. O objetivo dessas entrevistas foi capturar relatos autênticos sobre suas experiências no ambiente de trabalho, incluindo os desafios enfrentados, as situações de invisibilidade e desvalorização, bem como exemplos de superação e momentos de satisfação.

Além das entrevistas, optamos por realizar um processo de observação participante. Isso implicou em acompanhar diariamente as atividades desses profissionais em seus locais de trabalho, permitindo-nos mergulhar profundamente nas questões vivenciadas por eles e fornecendo insights valiosos para nossa pesquisa.

Por fim, os dados coletados foram submetidos a uma análise qualitativa detalhada. Identificamos padrões, tendências e insights relevantes, levando em consideração tanto os relatos individuais dos trabalhadores quanto as percepções da sociedade em relação às profissões invisíveis.

Essa análise proporcionou uma visão abrangente e fundamentada do tema, destacando os desafios enfrentados por esses profissionais e a

necessidade urgente de promover uma maior conscientização e valorização de seu trabalho na sociedade.

4 - ANÁLISE E CONCLUSÃO

Este estudo sobre as profissões essenciais e invisíveis destaca a urgente necessidade de reconhecer e valorizar o trabalho realizado por aqueles que são frequentemente ignorados pela sociedade. Os relatos coletados durante as entrevistas e a observação participante revelaram uma realidade caracterizada pela falta de reconhecimento, remuneração insuficiente e más condições de trabalho para os profissionais invisíveis. No entanto, esses trabalhadores demonstraram uma notável resiliência e um profundo orgulho em suas atividades, destacando a importância de reconhecer a dignidade de todas as formas de trabalho.

A invisibilidade no ambiente de trabalho, como evidenciado neste estudo, não é apenas uma questão individual, mas também reflete problemas estruturais de desigualdade e exclusão social. A falta de visibilidade dessas profissões contribui para a perpetuação de estereótipos e preconceitos, o que dificulta a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Portanto, é crucial promover uma maior conscientização e valorização das profissões invisíveis, visando uma mudança na mentalidade da sociedade.

Este trabalho destaca a importância de desafiar estereótipos e preconceitos, humanizando a questão da invisibilidade e desvalorização no mercado de trabalho por meio de relatos pessoais e experiências reais. A valorização de todas as profissões, independentemente de seu status social ou remuneração, é essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Concluímos que a conscientização e valorização das profissões invisíveis são fundamentais não apenas para garantir condições de trabalho dignas para esses profissionais, mas também para promover uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa com todos os seus membros, independentemente da natureza de seu trabalho.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AWAIA, Bader (org.). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 14. ed. Petrópolis-Rj: Vozes, 2014

COSTA, Fernando Braga da. Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

COSTA, Fernando Braga. Garis: um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública. 2002. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/trabalhadores-invisiveis-e-essenciais#:~:text=Maioria%20dos%20trabalhadores%20invisibilizados%20segue,sofrer%20com%20transtornos%20psicol%C3%B3gicos%20diversos Acesso em: 2 abril. 2024.

<https://observatorio3setor.org.br/carrossel/profissoes-invisiveis-como-e-nao-ser-enxergado-pela-sociedade/> Acesso em: 2 abril. 2024.

<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/invisibilidade-das-profissoes-e-tema-de-projeto-fotografico-2940558e.html> Acesso em: 15 abril. 2024.

ANEXOS

RELATO DE CAMPO: PROFISSÕES ESSENCIAIS E INVISÍVEIS

Entrevistas realizadas com profissionais dos Cemitério, Recicladores e Garis

Pesquisa de campo no Cemitério

Jerry, Coveiro

Jerry, coveiro com 18 anos de experiência no Consolação, descreveu seu trabalho diário, que envolve lidar constantemente com a dor. Ele abre sepulturas, faz exumações e coloca os restos mortais em caixinhas para levar ao ossuário. Trabalha em um regime de 12x36, das 7:00 às 19:00. Jerry compartilhou que a morte de crianças é especialmente impactante, mexendo profundamente com os coveiros ao testemunhar o sofrimento das famílias.

Jerry explicou que a equipe do Consolação é composta por cinco coveiros, além de três contratados por uma empreiteira. Ele relatou que possui familiares sepultados na mesma quadra do cemitério, incluindo sua mãe, pai e sobrinhos.

Em média, realizam cinco enterros por dia, mas esse número pode chegar a oito em dias mais corridos. Antes da abertura de outros cemitérios, como o Belo Vale, eles realizavam cerca de 20 enterros por dia, especialmente em 2005.

Apesar da rotina, Jerry diz que a profissão vira uma rotina e que ele precisa sustentar seus filhos. Ele mencionou que, antigamente, a quinta série era considerada uma formação, pois não havia tanto acesso à informação e estudo. Jerry ressaltou que, apesar dos desafios, ele não leva as mágoas do trabalho para casa. Ele começou como coveiro quando foi chamado para cobrir as férias de um colega enquanto trabalhava como segurança de shopping. Após dois anos, decidiu se dedicar integralmente à nova profissão. Ele compartilhou histórias comoventes, como a de um acidente de carro que resultou no velório de uma mãe e seu filho de oito anos.

O cemitério não oferece acompanhamento psicológico, mas os coveiros recebem aconselhamento do gerente. Jerry elogiou sua equipe, descrevendo-a como excelente e unida. Ele relatou que os funcionários possuem equipamentos de proteção individual (EPI) e que ser um bom coveiro requer habilidades de observação e um bom trato com as famílias enlutadas. Também mencionou que realizam enterros gratuitos oferecidos pela prefeitura no Bosque da Esperança. Ele destacou que muitas pessoas têm medo do cemitério, mas as famílias que vêm velar seus parentes os tratam com respeito.

Jerry relatou episódios de discriminação, como o ocorrido durante a pandemia de COVID-19, quando a esposa do pastor de sua igreja questionou como sua esposa conseguia dormir na mesma cama com ele. Ele também enfrentou preconceito na família, quando sua cunhada não permitiu que ele entrasse em sua casa por trabalhar no cemitério. Jerry enfatizou que a discriminação vem de fora, e não de dentro do cemitério.

Antônio, Coveiro

Antônio está no Consolação há dois anos, mas trabalha como coveiro há 13 anos. Ele não gosta da profissão, mas a exerce por necessidade. Sente que a profissão é muito desvalorizada, especialmente durante a pandemia, quando não receberam reconhecimento ou benefícios, apesar dos altos riscos envolvidos. Antônio relatou que, durante a pandemia, realizavam de 30 a 35 enterros por dia, de segunda a segunda-feira. Ele mencionou que o ambiente de

trabalho é tranquilo, mas que a falta de valorização é um problema constante. Fora do cemitério, ele enfrenta discriminação, como nas reuniões de pais na escola de seu filho.

Antônio contou que, na primeira semana de trabalho, teve que enterrar um bebê chamado Davi, o mesmo nome de seu filho. Ele também mencionou um colega que evita sepultamentos de crianças por ter perdido um filho jovem. O cemitério não oferece acompanhamento psicológico, mas os funcionários recebem 20% de insalubridade por lidarem diretamente com corpos.

Antônio descreveu as condições de trabalho, mencionando que almoçam onde são realizados os velórios e que os chuveiros foram trazidos por eles mesmos. Ele destacou que, quando conseguem algo de valor, como um carro ou moto, as pessoas suspeitam que estejam roubando do cemitério.

Márcia, Faxineira

Márcia trabalha no Consolação há um ano e quatro meses. Sua rotina envolve limpar a administração e as áreas dos velórios. Apesar de receber equipamentos de proteção individual, ela não recebeu treinamento ao começar. Márcia gosta de trabalhar no cemitério, achando o ambiente mais tranquilo que o hospital.

Márcia, que tem três filhas, enfrenta dificuldades emocionais, especialmente pensando na saúde de uma filha que frequentemente entra em coma. Ela relatou sofrer preconceito, inclusive dentro de casa, com sua filha mais velha achando vergonhoso o trabalho de faxineira. Apesar das dificuldades, Márcia pretende continuar trabalhando no cemitério.

Considerações as entrevistas destacam as dificuldades enfrentadas por profissionais invisibilizados e discriminados na sociedade. Jerry, Antônio e Márcia compartilham histórias de resiliência e dedicação em meio a uma profissão que, apesar de essencial, é muitas vezes negligenciada e estigmatizada. Esses relatos são um testemunho da importância de reconhecer e valorizar todas as profissões que contribuem para o funcionamento e o bem-estar da sociedade.

Pesquisa de campo com os Recicladores

No dia 4 de maio de 2024, foi realizada uma pesquisa de campo acompanhando a chegada dos coletores na distribuidora e os atos que são realizados no dia a dia de separação e seleção de lixo, conduzida também uma entrevista sobre profissões invisíveis, focando especialmente nos recicladores. Esses trabalhadores, cuja profissão foi legalizada há pouco tempo, desempenham um papel crucial na preservação do meio ambiente e na promoção de uma sociedade mais sustentável. Foram entrevistados quatro profissionais da área: Eduardo, Josiel, Cláudio e Edmir.

Durante as entrevistas, cada reciclador compartilhou suas experiências e desafios únicos.

Um dos relatos mais marcantes foi o do Sr. Eduardo, que não pôde comparecer no sábado, mas sua história foi transmitida pela Ariane no dia anterior.

Eduardo destacou a incompreensão da comunidade em relação às práticas de reciclagem, como o ato de colocar seringas dentro de garrafas PET como medida de proteção. Ele ressaltou como essa falta de conhecimento pode levar a interpretações equivocadas e até mesmo ações hostis por parte dos recicladores.

Josiel, Reciclador

Josiel, outro entrevistado, compartilhou sua jornada de muitos anos como reciclador, enfatizando a importância de manter-se ocupado para evitar uma mente vazia. Apesar de enfrentar muitas dificuldades, Josiel demonstrou um profundo orgulho por sua profissão e a satisfação de ajudar a comunidade.

Um ponto importante destacado foi o projeto junto aos moradores do bairro para preservação das praças de lazer.

Cláudio, Reciclador

Cláudio, com mais de 12 anos de experiência na reciclagem, revelou as dificuldades diárias enfrentadas por esses trabalhadores, desde a incerteza sobre o horário de retorno para casa até a falta de condições básicas de trabalho, como água potável e banheiros disponíveis.

Um dos preconceitos que mais o mágoa é o julgamento, os olhares das pessoas na rua, ou quando ele entra em um estabelecimento, a proibição de permanecer em determinados lugares, a comparação por falta de conhecimento da população em distinguir o catador do reciclador, levando ao julgamento de serem ladrões e vagabundos.

No entanto, ele destacou como seu trabalho educacional tem sido fundamental para mudar a percepção da sociedade sobre os recicladores, combatendo o estigma associado à profissão.

Ensinando moradores de condomínios a forma correta de separar o lixo, o que é reciclável e o que não serve e nem pode estar junto, essa atitude tem melhorado seu dia a dia e diminui a desorganização do lixo.

Edmir, Reciclador

Por fim, Edmir, proprietário de uma recicladora, compartilhou sua jornada desde os tempos em que era um simples coletor até se tornar um líder em sua comunidade de recicladores. Ele enfatizou como o trabalho árduo e a dedicação o levaram a conquistar o respeito e a admiração de seus pares e daqueles que o cercam.

Essa entrevista foi uma experiência reveladora, mostrando que as profissões consideradas invisíveis desempenham um papel vital na sociedade. Por trás dos gestos cotidianos de coleta e reciclagem, há histórias de perseverança, dignidade e orgulho.

Pesquisa de campo com os Garis

No dia de hoje 11/05/24, tivemos a oportunidade de conduzir uma entrevista com os garis que prestam serviço no bairro Castelo, onde mergulhamos fundo nas realidades enfrentadas por esses profissionais muitas vezes invisibilizados e discriminados. Os participantes da entrevista foram José Milton, 19 anos na profissão, Filipe, a 1 mês na profissão, Rodrigo, 11 anos na profissão, Douglas, 16 anos na profissão e Marcelo, 16 anos na profissão, representando uma variedade de experiências e perspectivas dentro da profissão.

Durante a conversa, testemunhamos momentos de descontração e camaradagem entre os integrantes do grupo e os entrevistadores(as), Natália, Larissa, Raíssa e Túlia. Um café foi oferecido para estabelecer um ambiente acolhedor, permitindo uma troca franca e aberta. Durante a conversa, emergiram relatos impactantes sobre a discriminação e as dificuldades enfrentadas pelos garis em seu dia a dia. Eles compartilharam experiências de serem tratados com desdém e repulsa por parte da população, que muitas vezes os enxerga como sujeitos ou indesejáveis. No transporte público, no trabalho e até mesmo nas ruas, enfrentam olhares de repulsa e gestos de afastamento.

Além da discriminação, os garis também enfrentam condições de trabalho desafiadoras, sujeitos a ferimentos frequentes devido à falta de proteção adequada e ao manuseio de objetos perigosos descartados de forma irresponsável. O relato de um colega afastado devido a um acidente causado por um produto químico mal descartado trouxe à tona a gravidade desses riscos.

Um dos momentos mais comoventes da entrevista foi o relato da descoberta de um corpo de bebê entre os resíduos no lixão. A tristeza visível nos olhos dos garis ao lembrarem essa cena nos fez refletir sobre o descaso com que a vida humana é tratada em certos contextos. Apesar das adversidades, os garis destacaram a importância de encontrar alegria em seu trabalho e o valor dos gestos de respeito e reconhecimento por parte da comunidade. O apoio de figuras como o professor Flávio, que trata os garis com o mesmo carinho e respeito que qualquer outra pessoa, é fundamental para manter sua dignidade e autoestima. Em resumo, esta entrevista foi uma experiência marcante e esclarecedora, destacando não apenas as dificuldades enfrentadas pelos garis, mas também sua resiliência, camaradagem e alegria que carregam consigo. É fundamental que reconheçamos e valorizemos o trabalho desses profissionais que desempenham um papel essencial em nossa comunidade, e que trabalheemos juntos para combater a discriminação e garantir condições de trabalho dignas para todos.

Link do banner:

[https://www.canva.com/design/DAGGEFM9WV4/nh0O1f00JyTccO80Ina6Bg/vi
ew?utm_content=DAGGEFM9WV4&utm_campaign=designshare&utm_medium
=link&utm_source=editor](https://www.canva.com/design/DAGGEFM9WV4/nh0O1f00JyTccO80Ina6Bg/vi
ew?utm_content=DAGGEFM9WV4&utm_campaign=designshare&utm_medium
=link&utm_source=editor)

Link do vídeo:

[https://www.canva.com/design/DAGDdFAKpNY/ISD_AOjhyAwIUtljGeK_dg/edit
?utm_content=DAGDdFAKpNY&utm_campaign=designshare&utm_medium=lin
k2&](https://www.canva.com/design/DAGDdFAKpNY/ISD_AOjhyAwIUtljGeK_dg/edit
?utm_content=DAGDdFAKpNY&utm_campaign=designshare&utm_medium=lin
k2&)

“Vim de um papelão, e hoje olha o que o papelão fez por mim”

Num mundo onde o papel define destinos, eu sou Edimilson. Desde dos 16 anos, trilhei os caminhos ásperos da coleta, enfrentando humilhações e desafios que moldaram meu ser. Do papelão, ergui minha identidade, forjando uma profissão e uma missão: acolher aqueles que, como eu, dependem da reciclagem para sobreviver.

Hoje, aos 76 anos, apresento-me como Edmir, o guardião da recicladora. Aqui, não oferecemos apenas compra de resíduos, mas sim dignidade, respeito e água quente. Pois entendo que, assim como Deus nos amou um dia, devemos amar e respeitar o próximo, enxergando a humanidade em cada rosto cansado que chega até nós.

Somos mais do que coletores; somos recicladores, contribuindo para a preservação do meio ambiente e para o bem-estar da sociedade. Imaginem um mundo sem nossa árdua luta, sem a separação do lixo que mantém o equilíbrio precário de nosso planeta. Nosso trabalho é invisível, mas seus benefícios são tangíveis, tornando nosso ambiente mais habitável e saudável.

Por isso, peço: respeitem-nos, respeitem-se. Pois é no amor e na dedicação à nossa causa que encontramos sentido e dignidade.

PPA. Psicologia



FAMINAS

PROJETOS E PRÁTICAS APLICADA DE PSICOLOGIA PROFISSÕES ESSENCIAIS E INVISÍVEIS

ANA CLARA LOURENO 1-23-23632, ARIANE DUARTE TINOCO DE ALMEIDA 1-23-24788, KELLY CRISTINA DE OLIVEIRA 1-23-25110, LARISSA MARCELA SFREDO 1-23-24766, NATÁLIA ALMEIDA GOMES 1-23-24355, RHAÝSSA MARTINS ROMAGNOLI 1-23-23728, SOFIA SABINO MOREIRA 1-23-24897, TÚLYA GIORDANA TEIXEIRA PEDROSA 1-23-25229, WALQUIRIA RICOY DE CARVALHO 1-23-23414.

INTRODUÇÃO

A invisibilidade e a desvalorização são duas realidades enfrentadas por muitos profissionais que desempenham funções voltadas para o público. Este estudo visa destacar a importância de compreender como esses profissionais são frequentemente ignorados e marginalizados, apesar de desempenharem papéis essenciais na sociedade. Intitulado "Profissões Essenciais e Invisíveis", este trabalho foi concebido para explorar maneiras de promover a conscientização sobre a realidade e os desafios enfrentados por esses profissionais frequentemente negligenciados, tais como garis, recicladores, coveiros e faxineiros. Nossa missão é contribuir para tornar a sociedade mais inclusiva e respeitosa para esses trabalhadores.

DESENVOLVIMENTO

O objetivo deste estudo é contemplar como os profissionais são percebidos pela sociedade. Humanizar a questão da invisibilidade e desvalorização no mercado de trabalho através de relatos pessoais e experiências reais. Estimular a reflexão sobre a imprescindibilidade de reconhecer e valorizar todas as profissões como parte essencial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e também destacar a sua importância na sociedade e na manutenção da harmonia social entre moradores e outros cidadãos que dependem dos serviços por eles prestados. A pesquisa de campo foi o meio escolhido para obter as informações necessárias para realizar o estudo, foram realizadas entrevistas e um acompanhamento diário das atividades desses profissionais.

A primeira pesquisa foi realizada em um cemitério, onde tivemos a oportunidade de conhecer e conversar sobre a vida pessoal e o trabalho dos coveiros e faxineira do estabelecimento. Durante as entrevistas foram detectadas perspectivas diferentes entre os coveiros sobre a profissão, os desafios, o preconceito, as condições de trabalho e os aspectos pessoais individuais. Além das perspectivas e relatos pessoais, também foi detectado o preconceito, aspecto o qual já era esperado de obter. O coveiro Y relata: "A gente não é valorizado pelo que a gente faz", "Na pandemia os profissionais da saúde foram exaltados, ganharam benefícios, mas quem lembrou de nós? Nós estávamos correndo um dos maiores riscos, não recebemos bônus, auxílio, nada". A entrevistada W também relata "Já sofri preconceito dentro de casa, a minha filha mais velha fala: se passar perto de mim eu finjo que nem conheço, você fica limpando o chão onde os outros pisam. Ela acha que é muito feio ficar limpando o chão".

Na segunda etapa da pesquisa, foram entrevistados quatro profissionais que atuam na área de reciclagem. Durante as entrevistas cada um compartilhou suas experiências e desafios, um dos entrevistados relatou que apesar das dificuldades enfrentadas sente um profundo orgulho por sua profissão e a satisfação de ajudar a comunidade. Outro entrevistado relata que um dos preconceitos que mais o magoa é o julgamento, os olhares das pessoas na rua, a proibição de permanecer em determinados lugares, a comparação por falta de conhecimento da população em distinguir o catador do reciclador, levando a julgamento de serem ladrões e vagabundos. Porém também destaca como seu trabalho educacional tem sido fundamental para mudar a percepção da sociedade sobre os recicladores, combatendo o estigma associado à profissão. Por fim, o último entrevistado enfatizou como o trabalho árduo e a dedicação o levaram a conquistar o respeito e a admiração de seus pares e daqueles que o cercam.

A terceira e última pesquisa foi realizada com os profissionais garis, eles compartilharam experiências de serem tratados com desdém e repulsa por parte da população, que muitas vezes os enxerga como sujeitos ou indesejáveis. No transporte público, no trabalho e até mesmo nas ruas, enfrentam olhares de repulsa e gestos de afastamento. Os garis também enfrentam condições de trabalho desafiadoras, sujeitos a ferimentos frequentes devido à falta de proteção adequada e ao manuseio de objetos perigosos descartados de forma irresponsável. Apesar das adversidades, eles destacaram a importância de encontrar alegria em seu trabalho e o valor dos gestos de respeito e reconhecimento por parte da comunidade.

"O OBJETIVO É HUMANIZAR A QUESTÃO DA INVISIBILIDADE E DESVALORIZAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO ATRAVÉS DE RELATOS PESSOAIS E EXPERIÊNCIAS REAIS."



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esse estudo se apresenta como uma profunda reflexão tanto para nós, estudantes, quanto para nós, enquanto indivíduos. Ele nos concede a preciosa oportunidade de mergulhar em diversas perspectivas e vivenciar relatos de diferentes profissionais. Essas entrevistas reveladoras destacam o papel crucial das profissões muitas vezes consideradas invisíveis em nossa sociedade.

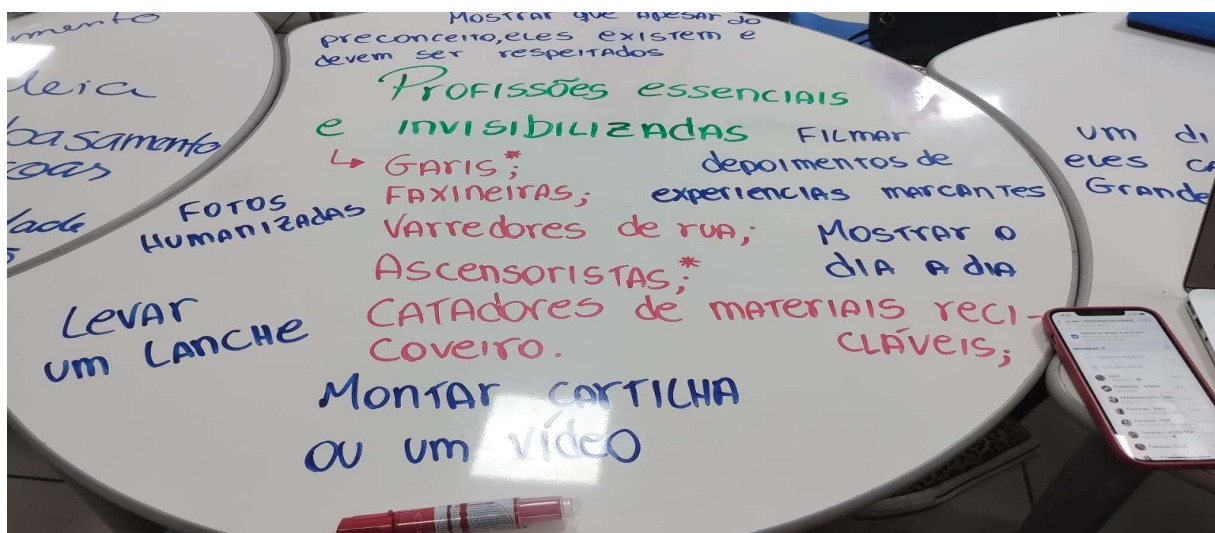
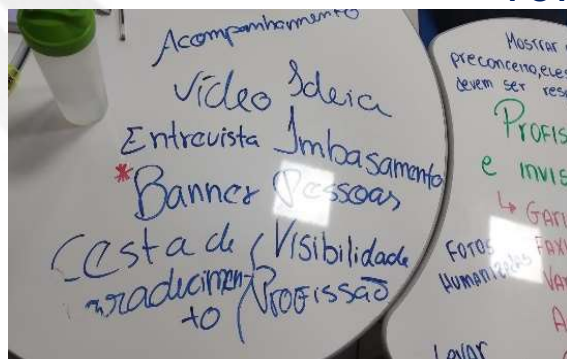
Descobrimos que por trás das tarefas aparentemente simples do dia a dia, como coleta, reciclagem, limpeza e serviços funerários, residem histórias de perseverança e dedicação. O propósito deste estudo é, sobretudo, humanizar a questão da invisibilidade e da desvalorização no mercado de trabalho, por meio de relatos pessoais e experiências genuínas.

Buscamos, assim, estimular a reflexão sobre a imprescindibilidade de reconhecer e valorizar todas as profissões como pilares fundamentais na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, almejamos evidenciar sua importância na manutenção da harmonia social entre os habitantes e os demais cidadãos que dependem dos serviços por eles prestados.

REFERÊNCIAS

- AWAIA, Bader (org.). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 14. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014
- COSTA, Fernando Braga da. Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.
- COSTA, Fernando Braga. Garis: um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública. 2002. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002
- <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/profissoes-invisiveis-como-e-nao-ser-enxergado-pela-sociedade/> Acesso em: 2 abril, 2024.

FOTOS



PPA 06 – EQUILÍBRIO NA EDUCAÇÃO: um olhar sobre a saúde mental dos professores de escolas públicas- Akaiah Gomes Bispo; Ana Luiza Oliveira da Silva; Cibele Miranda de Almeida; Larissa Coelho Vieira Rosa; Maria Eduarda Borges; Marianna Vasconcelos; Paulo César Fernandes Nepomuceno.

1- INTRODUÇÃO

Entendemos que no contexto atual, marcado pela recente pandemia, a saúde mental dos professores é um tema tão importante quanto a dos alunos. Os professores têm um papel fundamental na sociedade, pois promovem a educação e o conhecimento, lidam com questões emocionais dos alunos e também são responsáveis por fazer uma articulação entre a comunidade e a escola. Essas tarefas exigem cada vez mais do profissional. No Brasil, os problemas de saúde que mais afetam os professores são os transtornos mentais e comportamentais, além dos distúrbios da voz e das doenças osteomusculares (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005, apud PENTEADO E NETO, 2019), e isso tem relação com a sobrecarga no trabalho. Para MARCHESI (2008, p.97), o trabalho no ensino está baseado principalmente nas relações interpessoais com os alunos e com os colegas, razão pela qual as experiências emocionais são permanentes. Irritação, alegria, ansiedade, afeto, preocupação, tristeza, frustração, etc., são alguns dos sentimentos que vive o professor no seu dia a dia, com maior ou menor intensidade e amplitude. Então, tendo em vista que o professor vem enfrentando tarefas cada vez mais exigentes e conflitos no ambiente escolar, partimos da pergunta problema: “Como oferecer suporte à saúde mental dos professores de escolas públicas?” e definimos que o objetivo geral do trabalho será entender como a rotina do ambiente escolar influencia na saúde mental dos professores. Delimitamos também dois objetivos específicos sendo, o primeiro deles, entrevistar professores numa escola da rede pública de ensino. Para isso, inicialmente, será realizada uma pesquisa qualitativa através de entrevistas com alguns professores da Escola Municipal Geralda Dias de Assunção, localizada em Sabará. Serão feitas diversas perguntas elaboradas de maneira a auxiliar no entendimento de como a rotina do ambiente escolar

influencia na saúde mental dos professores. O segundo objetivo específico será compilar as informações levantadas em um vídeo documentário.

2- DESENVOLVIMENTO

Devido aos obstáculos emocionais que os professores enfrentam, como estresse, falta de reconhecimento e pressão dos alunos e suas famílias, é crucial priorizar a saúde mental dos mesmos. Segundo MARCHESI (2008 p. 97), no caso dos professores que se deparam com experiências negativas ganhando maior peso do que as positivas, encontramos descritores da situação dos professores com uma profunda carga emocional: sofrem da estafa, sentem-se desvalorizados ou sofrem uma pressão contínua por parte dos alunos e das suas famílias. Para lidar com esses desafios, apoio emocional, recursos e estratégias de manejo do estresse, além da busca por prover um ambiente de trabalho mais saudável e equilibrado são fundamentais. Isso envolve implementar programas de apoio psicológico e promover uma cultura escolar que valorize o bem-estar emocional dos professores. Ao cuidarmos da saúde mental dos educadores, podemos criar um ambiente mais favorável para o sucesso acadêmico e o bem-estar de todos os membros da comunidade escolar. O professor, em seu trabalho, enfrenta inúmeros desafios e assume grandes responsabilidades, constituindo uma das categorias profissionais mais sujeitas a apresentar sofrimento mental. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) aponta a categoria docente como sendo a segunda a apresentar doenças ocupacionais (VASCONCELLOS, 1997 apud TOSTES; ALBUQUERQUE; SILVA; PETTERLE, 2018), sabemos que o sofrimento psíquico dos professores está relacionado à carga excessiva do trabalho e a articulação do ambiente escolar e familiar, mas há muitas variáveis que podem estar afetando essa categoria, que este trabalho visa compreender durante a pesquisa.

3- METODOLOGIA

Realizamos o presente trabalho através de pesquisa qualitativa a partir de uma entrevista com 12 perguntas elaboradas na intenção de compreender os fenômenos que impactam na saúde mental dos professores. Foram

entrevistadas 9 professoras que se voluntariaram na Escola Municipal Geralda Dias de Assunção. A entrevista ocorreu de maneira individual e teve uma duração média de 15 minutos para cada participante. Cada entrevista individual foi gravada e a filmagem foi editada de maneira a formar um vídeo documentário. A identidade das professoras que solicitaram sigilo foi preservada. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica por meio de publicações científicas recentes e livros abordando questões acerca do tema da saúde mental de professores.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao conversarmos com as professoras, pudemos observar diversos pontos de vista a respeito da rotina profissional. Questionamos se o ambiente de trabalho afeta na saúde mental, e obtivemos respostas como *“afeta bastante, principalmente devido às demandas que os estudantes trazem de casa, além da minha demanda pessoal”*. Ou ainda: *“o ambiente de trabalho do professor é muito insalubre. A gente mexe com várias realidades, além das crianças, mexemos também com as famílias. Os pais precisam ser educados para podermos cobrar e ajudar aquela criança a progredir”*. Mas, por outro lado, também houve opiniões como a seguinte: *“Eu gosto do que faço e me sinto bem. Me aposentei, mas continuo porque gosto de sala de aula e lidar com os alunos.”*

Algumas professoras afirmaram experimentar estresse diariamente, mas também houve respostas como: *“Não tenho”* (estresse), *“porque ao mesmo tempo que você fica nervoso com algum aluno, outro te faz rir, e isso se dissipa”*; e também: *“Não sou de me estressar ao extremo. Eu abraço a escola toda e tento levar as coisas de maneira leve.”*

Perguntamos se as professoras sentem que sua saúde mental afeta na performance de trabalho. Várias responderam afirmativamente, apontando motivos relacionados ao ambiente de trabalho, a exemplo da seguinte resposta: *“Sim, porque tem aluno muito agitado e indisciplinado. Precisamos da família, escola e rede de apoio melhor dentro da sala de aula.”* E também houve alguns pontos de vista diversos como: *“Faço com amor. Posso estar com o problema que eu estiver, mas quando entro dentro de sala, é até bom, me envolvo com os alunos. É o que eu gosto de fazer.”*

Conversando a respeito de apoio emocional/psicológico, a maioria das professoras entrevistadas disseram que não recebem esse suporte da escola. Uma delas afirmou receber acompanhamento psiquiátrico fora da escola, enquanto outra opinou: *“Não tem”* e completou que: *“Seria importante e interessante se tivesse psicólogo na escola. Só existe apoio entre nós colegas.”* Houve ainda quem disse: *“Sim, recebo. Quando vejo que estou sobrecarregada não espero chegar no limite, eu converso com a direção, colegas de trabalho, pedagogas e peço ajuda.”* Porém, esta experiência difere da colega que diz: *“Quando tento falar disso sou taxada como ‘chata’”*.

Uma das professoras afirmou que *“A prefeitura oferece suporte psicológico, mas dentro da escola não.”* Já sua colega diz que *“É relativo, porque depende muito da gestão. Tem coisas que a gestão não tem alcance mas, na medida do possível, eles estão ajudando pedagogicamente.”*

Quando perguntamos sobre participação em algum grupo de apoio, todas as entrevistadas responderam que não participam, porém, algumas disseram que conversam com os colegas, e teceram comentários como: *“nos ajudamos e desabafamos um com o outro”* ou ainda: *“converso com colegas que servem como ‘psicólogos’”*.

A grande maioria das professoras disseram que as escolas públicas não se preocupam em promover uma melhoria da saúde mental dos professores. Podemos destacar uma das respostas onde a entrevistada opinou que *“os professores são os últimos a serem pensados na engrenagem da educação. Jogam sobrecarga e formação maior, mas pouca preocupação do lado humano dos professores.”* Houve ainda quem disse que *“Depende da rede da escola. Na outra rede que eu trabalho fazem palestra para a saúde do professor, porém, muito limitado, bem raso.”*

Numa reflexão sobre possíveis recursos ou programas de suporte à saúde mental do professor na escola, houve comentários como: *“Além do profissional, tem o ser humano. Falta uma pessoa para ouvir seu lado ser humano. Falta isso no sistema da educação.”*; e uma sugestão interessante que podemos destacar: *“Uma forma de relaxamento, aquecimento vocal e alongamento com profissionais antes de começar as aulas. Deveria pensar no acolhimento do profissional quando chega para dar aula também, o rendimento seria melhor.”*

Houve também respostas onde as professoras direcionaram mais ao suporte para os alunos do que para o professor, com sugestões de apoio de profissionais da saúde como psicólogo, assistente social e fonoaudiólogo. *“Muitas crianças com problemas psicológicos precisando de ajuda de psicólogo e assistência social. Se eles estiverem bem, conseguimos trabalhar bem. A história das crianças, o comportamento e o desleixo da família acabam afetando muito mais a gente do que o próprio trabalho em si.”*; e também: *“Tem aluno que eu olho para ele e vejo que tem características de um autista e falo para a mãe ‘mãe, tem que levar’. Mas tem que passar pelo pediatra e, às vezes, essa mãe não tem dinheiro nem do ônibus. A saúde e a educação têm que andar juntas.”*

As professoras revelaram que nem sempre reconhecem os sinais de alerta de que sua saúde mental está precisando de atenção. *“As próprias colegas me dão um toque de que não estou legal, pois não percebo. ‘Você reparou que fez isso?’. Estresse”*. Um comentário similar de outra entrevistada foi: *“Peço para me avisarem quando aumento o tom de voz, porque às vezes não conseguimos perceber que estamos com problema”*.

No entanto, mesmo com alguma dificuldade de identificar o momento em que necessitam de ajuda, a grande maioria diz claramente que o ambiente profissional impacta nas relações pessoais: *“A gente se dedica muito à escola e acaba interferindo na vida pessoal.”*; e duas entrevistadas revelaram ainda que já tomaram ou tomam medicação diariamente.

Diante de tantos desafios enfrentados em sua rotina, as professoras mencionaram diversos conselhos que dariam para colegas de profissão: *“Se cuidar. Pensamos tanto em cuidar do outro que não temos autocuidado. Praticar atividades físicas para aliviar o estresse.”* *“Procurar alguma coisa que goste de fazer: leitura, artesanato para tentar desestressar do problema.”* *“Procurar se realizar no que faz pessoalmente e profissionalmente”*. *“Quem tem condição, fazer terapia e procurar ajuda. O medicamento é o último recurso, mas como a correria é muita e às vezes a pessoa não tem plano de saúde...”*

Por fim, para que haja melhoria na conscientização sobre saúde mental dentro na comunidade, uma das professoras pondera: *“Aproximação da família com a escola. Aos sábados temos abertura da comunidade com a escola, reunião de pais onde conversamos sobre os alunos.”* Enquanto isso, outra entrevistada argumenta: *“Em muitas situações se vê o problema psicológico*

como uma doença grave em que as pessoas têm medo de até falar que estão com ansiedade e depressão. Isso pode afetar qualquer um, então devemos aceitar e procurar ajuda de um psicólogo e psiquiatra para a mudança acontecer. É preciso haver palestras para a comunidade entender essas necessidades.”

Houve ainda uma entrevistada que disse: *“Através de momentos de escuta com profissionais e palestras. Nesse último ano me surpreendi com a secretaria da educação quando trouxeram um professor e doutor que fez um trabalho sobre como a gente enxerga ‘o meu eu’”. Entretanto, uma outra colega argumenta: “Ter apoio psicológico mais próximo da gente. Não apenas uma palestra e pronto, e sim um acompanhamento com os profissionais.”*

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a pesquisa e entrevista realizadas, ficou claro que o trabalho do professor vai além do ensino, pois os educadores lidam diariamente com as relações interpessoais com os alunos e suas famílias, e também com os colegas. Levando-se em conta que a grande maioria das professoras entrevistadas trabalham com alunos do ensino infantil e/ou fundamental, entende-se que sua carga de trabalho soma-se à articulação do ambiente escolar e familiar, em razão das diversas demandas envolvidas nesta fase do desenvolvimento das crianças.

Não é sempre que o professor conta com uma rede de apoio satisfatória para lidar com tudo isso e assim, muitos desses profissionais acabam tomando para si funções que vão além de seu escopo, principalmente no ensino público, que é o caso das professoras que foram entrevistadas para o presente trabalho. Percebe-se que a estrutura atual do ambiente escolar precisa ser mais bem desenvolvida para que o trabalho dos educadores seja satisfatoriamente amparado, de maneira a evitar a sobrecarga dos mesmos e oferecer um verdadeiro suporte à saúde mental dos docentes.

Mesmo os profissionais que demonstram uma maior tolerância e flexibilidade, podem ter sua saúde mental prejudicada devido ao enfrentamento de tantos desafios diários. Durante as entrevistas, houve relatos de algumas iniciativas realizadas pelas escolas ou pela secretaria de educação no intuito de lidar com esta demanda, como reuniões e palestras para conscientização da comunidade, porém, ainda pontuais e incipientes.

Portanto, a necessidade de implementar programas de apoio psicológico e promover uma cultura escolar que valorize o bem-estar emocional dos professores é legítima. Conscientes disso, deixamos aqui nossa iniciativa para lançar luz a esta questão, por meio desta pesquisa e do vídeo documentário que está sendo concluído no momento da entrega deste documento escrito.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCHESI, Álvaro, As emoções dos professores. **O bem-estar dos professores**, Madri, p.97-148, 2008.

PENTEADO, Regina Zanella; NETO, Samuel de Souza. **Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor**: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. Rio Claro, SP, 2019.

TOSTES, Maria Vaz; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de, SILVA; Marcelo José de Souza e; PETTERLE, Ricardo Rasmussen. **Sofrimento mental de professores do ensino público**. Curitiba, 2018.

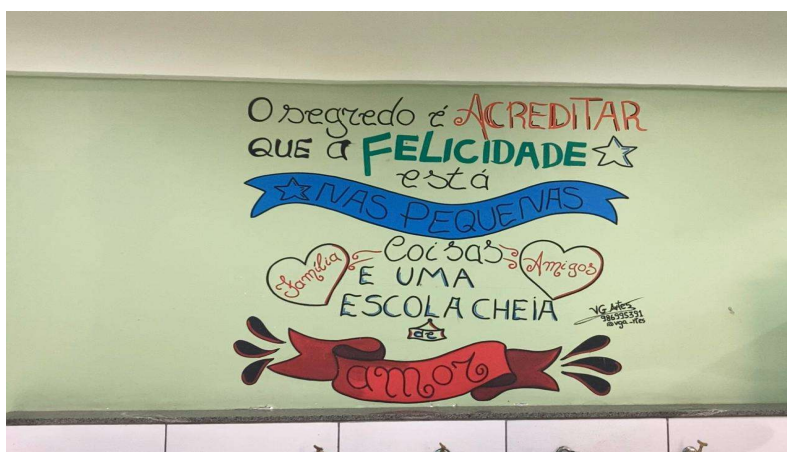
ANEXO 1 - PERGUNTAS DA ENTREVISTA REALIZADA

- 1- Você sente que o ambiente de trabalho afeta sua saúde mental?
- 2- Com que frequência você experimenta estresse relacionado ao trabalho?
- 3- Você sente que sua saúde mental afeta sua performance de trabalho?
- 4- Você recebe apoio emocional/psicológico da (s) escola (s) que você trabalha?
- 5- Como você se sente em relação ao suporte oferecido pela escola?
- 6- Você participa de algum grupo de apoio?
- 7- Você acha que as escolas públicas se preocupam em promover uma melhoria da saúde mental dos professores?
- 8- Como você tem lidado e balanceado sua saúde mental no ambiente profissional e pessoal? Você sente que isso tem impactado nas suas relações pessoais?
- 9- Que tipo de recursos ou programas de suporte à saúde mental você acha que seriam úteis para os professores da escola?
- 10- Como você reconhece os sinais de alerta de que sua saúde mental está precisando de atenção?

11- Que conselhos você daria para outros professores que estão enfrentando desafios semelhantes em relação à saúde mental?

12- Como você acha que a conscientização sobre saúde mental pode ser melhorada dentro da comunidade?

ANEXO 2 - IMAGENS DO DIA DA ENTREVISTA



PPA 07 – A JUVENTUDE DENTRO DE INSTITUIÇÕES SOCIOEDUCATIVAS-

Dayane Ramos, Isadora Cruz, Maíra Margonari, Maria Laura Prates, Rafaela Ferreira e Yanis Fialho

1. INTRODUÇÃO

É perceptível o descaso com os jovens detentos no Brasil, de acordo com pesquisas o país contava com 11.600 adolescentes cumprindo medidas socioeducativas no ano de 2023, mas é necessário entender o motivo pelo qual isso acontece. Por que esses jovens “optam” por cometer crimes tão cedo? Ou será que nem mesmo escolhem esse caminho? Precisamos compreender que esses jovens fazem parte da sociedade e isso é um obstáculo para todos nós. É necessário lembrarmos que jovens presidiários são seres humanos e que merecem ser compreendidos. O objetivo principal e inicial da intervenção é entendê-los e compreendê-los como verdadeiros jovens, lugar onde a sociedade não os coloca mais; a ideia é fazer isso de forma leve, como uma roda de conversa por exemplo, fazendo com que gere resultados para a pesquisa e para os jovens, talvez repensando seus atos e falas enquanto conversam.

2. DESENVOLVIMENTO

Segundo Hanna karoline Nascente, autora do artigo “Menores infratores: processo de estigmatização e o ordenamento jurídico Brasileiro quanto punibilidade”, não se pode negar diversos outros fatores que ocasionam uma juventude cada vez mais ausente do mundo escolar. A pobreza extrema, a falta de apoio familiar e nas escolas, o difícil acesso ao mundo do trabalho, são pontos a serem levados em consideração na tentativa de responder o porquê de tantos jovens se envolverem em crimes que podem ir de leves condutas, como pequenos furtos, até latrocínio, roubo seguido de morte. A sociedade compõe o sujeito e a maior dúvida que deve ser resolvida é: o que a sociedade precisa mudar para que a educação seja sempre a primeira resposta quando perguntamos o caminho a ser seguido? Como esses jovens se sentiram para que tomassem a decisão de adentrar em uma realidade tomada de perigos? Como isso, o objetivo do nosso trabalho gira em torno de compreender como é

a vida dos adolescentes cumprindo medidas socioeducativas e como se dá todo o processo até chegar nessa condição. Realizar uma pesquisa sutil e ouvir a história dos jovens, é a principal forma que buscamos entender as realidades dos mesmos na atualidade. Além de promover interação e novas vivências, analisar os desafios enfrentados pela instituição e pelos jovens no processo de socioeducação, bem como suas estratégias para superar esses desafios e Investir tempo e atenção para aqueles em situação de maior vulnerabilidade no intuito de promover empatia e acolhimento. (Hanna Karoline Nascente, artigo Menores infratores: processo de estigmatização e o ordenamento jurídico Brasileiro quanto punibilidade. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 06, Vol. 13, pp. 108-136. Junho de 2021.)

"Existem muitos fatores que contribuem para a criminalidade juvenil, incluindo, educação limitada, baixa frequência escolar, pressão social e de pares, status socioeconômico desfavorecido e abuso de substâncias. Nesta seção exploraremos alguns destes fatores, como eles afetam a juventude e como essas influências negativas podem ser reduzidas. "

Os fatores que levam um jovem ao crime podem ser complexos – muitas vezes, uma combinação de fatores interage e se afasta um do outro – e desvendar essas influências negativas pode ser um desafio. Para combater o comportamento criminoso na raiz, é preciso primeiro compreender os amplos fatores sociais, políticos e ambientais que demonstram influenciar este mal comportamento." (Nascente, Hanna Karoline.)

No dia 14/05, realizamos uma visita à Casa de Semiliberdade de Venda Nova, com o objetivo de entender melhor a dinâmica de reintegração social dos adolescentes ali presentes. Participaram da visita cinco meninos, oriundos de Belo Horizonte e cidades próximas, como Itabira. Durante a atividade, um dos meninos se retirou e outro optou por não responder às perguntas. Os participantes tinham entre 17 e 18 anos, sendo quatro deles com 17 anos e um com 18 anos.

Observações e Interações:

Durante a visita, foi possível notar uma variedade de perspectivas entre os adolescentes sobre suas vidas e o futuro. Um dos meninos de 17 anos

mencionou que, embora não pretendesse levar o crime para a vida toda, também não desejava sair dessa vida no momento. O jovem de 18 anos demonstrou incerteza, expressando que não queria continuar no mundo do crime, mas sem convicção total. A maioria deles revelou um grande medo do "cadeião" (prisão de adultos), com um deles afirmando: "sei que eu escolhi esse caminho e que ele tem consequências e eu não tenho medo delas, se eu rodar é isso mesmo."

Quando questionados sobre o que os levou àquela situação, muitos mostraram vergonha. No entanto, todos concordaram que a casa de semiliberdade oferecia um ambiente positivo, com um deles destacando a oportunidade de conhecer coisas novas, algo que não teria acontecido se estivesse em liberdade. Os funcionários demonstraram carinho, cuidado e uma certa proximidade com os meninos, o que pareceu contribuir para um ambiente de apoio.

Três dos adolescentes de 17 anos não viam sentido em "trabalhar um mês inteiro para ganhar em um mês o que poderiam ganhar em um dia no crime", enquanto o jovem de 18 anos comemorou a conquista de um emprego. Alguns demonstraram amor pelo dinheiro, independentemente de sua origem, enquanto outros mostraram receio.

Analisando com Base em Vygotsky, teoria sociocultural de Lev Vygotsky enfatiza a importância das interações sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo e emocional. Aplicando as ideias de Vygotsky ao contexto observado na Casa de Semiliberdade, várias reflexões podem ser feitas sobre o impacto do ambiente e das interações na vida dos adolescentes.

Vygotsky propôs que o aprendizado ocorre em um contexto social através da interação com outros indivíduos mais experientes. Na casa de semiliberdade, as relações dos adolescentes com os funcionários e entre si desempenham um papel crucial. Os funcionários, ao demonstrar cuidado e proximidade, atuam como figuras de suporte, facilitando um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento. Essas interações permitem que os jovens desenvolvam novas habilidades e conhecimentos, promovendo mudanças em suas atitudes e perspectivas de vida. Vygotsky também destacou a importância dos mediadores culturais no desenvolvimento humano. As atividades e programas oferecidos na casa de semiliberdade podem ser vistos como ferramentas mediadoras que introduzem os adolescentes a novos conhecimentos e experiências culturais.

Por exemplo, a oportunidade de conhecer coisas novas, mencionada por um dos meninos, é um aspecto crucial para expandir seus horizontes e possibilidades de vida fora do crime. A ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) é um conceito central na teoria de Vygotsky, que se refere à distância entre o nível de desenvolvimento atual do indivíduo e o nível de potencial desenvolvimento que pode ser alcançado com a ajuda de um guia ou mentor. Na casa de semiliberdade, os funcionários e programas educativos funcionam como mediadores que ajudam os adolescentes a alcançar novos níveis de compreensão e competência, promovendo um desenvolvimento positivo. A vergonha e o receio demonstrados pelos meninos em relação ao dinheiro sujo e às consequências de suas ações indicam um processo de internalização de normas sociais e morais, essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional.

A presença de um sistema de suporte, onde eles podem refletir sobre suas ações e aprender novas habilidades e valores, é crucial para o desenvolvimento positivo, conforme sugerido por Vygotsky. (Artigo "A teoria de Vygotsky destaca a importância do ambiente social na construção do conhecimento." Aprendizadoonline.com)

"A aprendizagem é um processo social e construtivo, no qual o indivíduo constrói conhecimento a partir da interação com outras pessoas e com o ambiente em que está inserido. O desenvolvimento cognitivo ocorre a partir da mediação de outras pessoas, que ajudam o indivíduo a internalizar novas informações e a desenvolver habilidades." (Vygotsky, Lev.)

A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, aplicando a teoria de Erikson, uma abordagem que examina o desenvolvimento humano ao longo de diferentes estágios de vida, cada um com seus próprios desafios e oportunidades para crescimento pessoal, ao contexto observado na Casa de Semiliberdade, podemos obter uma compreensão mais profunda dos conflitos e necessidades dos adolescentes em conflito com a lei.

Estágio de Identidade vs. Confusão de Papéis

Os adolescentes na casa de semiliberdade estão na fase de "Identidade vs. Confusão de Papéis," que ocorre aproximadamente entre os 12 e 18 anos. Durante este estágio, os jovens estão desenvolvendo um senso de identidade pessoal, explorando diferentes papéis e ideologias para encontrar um sentido coerente de si mesmos. Os conflitos observados entre a vida do crime e a busca por alternativas legítimas refletem essa luta interna pela formação de uma identidade estável e positiva.

"Identidade Criminal vs. Identidade Alternativa" Um dos meninos de 17 anos mencionou que, embora não quisesse levar o crime para a vida, também não queria sair dessa vida no momento, indicando uma confusão de papéis e um conflito interno sobre quem ele deseja ser. O jovem de 18 anos que celebrou a conquista de um emprego mostra sinais de uma identidade mais integrada e uma busca por um papel socialmente aceitável. (Artigo "Identidade x Confusão de Papéis no Desenvolvimento Psicossocial" Psy Meet Social.com)

"A identidade é um princípio organizador fundamental que se desenvolve constantemente ao longo da vida". (Erikson, Erik).

3. METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi de caráter exploratório, ou seja, realizou-se o levantamento de informações com o intuito de entender melhor o contexto em questão, de modo que fosse possível explorá-lo e destacar a importância da intervenção aplicada.

Foi-se realizado, portanto, um levantamento de campo visando a coleta de dados qualitativos através de perguntas objetivas, onde foi possível entender melhor a realidade dos jovens que vivem na casa de semiliberdade visitada. A participação foi arbitrária e garantiu a liberdade e o conforto perante ao sigilo total por parte das alunas que a aplicaram.

4. CONCLUSÃO

Em conclusão, a visita realizada na Casa de Semiliberdade de Venda Nova proporcionou uma visão profunda das realidades enfrentadas pelos adolescentes em conflito com a lei. Por meio, das perguntas objetivas, observações e interações, pudemos compreender a complexidade de suas experiências, sonhos e desafios.

Ficou claro que diversos fatores influenciam o envolvimento dos jovens com o crime, dentre elas a falta de oportunidades educacionais, apoio familiar insuficiente, pressões sociais e econômicas, além da atração por ganhos financeiros rápidos e maiores. Todavia, é importante ressaltar que a intervenção e o ambiente oferecidos pela Casa de Semiliberdade desempenham um papel significativo na vida desses adolescentes.

As interações sociais e culturais, necessárias para o desenvolvimento humano segundo a teoria de Vygotsky, são evidentes no ambiente da casa, onde os funcionários atuam como mediadores e mentores. Essas relações contribuem para a projeção dos jovens, introduzindo-os a novas experiências e oportunidades, e promovendo um processo de aprendizado e desenvolvimento pessoal.

Além disso, a análise sob a perspectiva de Erikson nos permite compreender os conflitos internos enfrentados pelos adolescentes na busca por uma identidade pessoal e social. Estando presente uma dicotomia entre uma identidade ligada ao mundo do crime e a aspiração por uma vida alternativa legalizada refletindo assim a complexidade desse estágio de desenvolvimento.

Por fim, destacamos a importância de abordagens multidisciplinares e contextualizadas na compreensão e na intervenção em questões relacionadas à criminalidade juvenil. É essencial considerar não apenas a subjetividade, mas também os contextos sociais, culturais e institucionais que influenciam as trajetórias de vida dos jovens. Ao oferecer suporte, oportunidades e orientação, é possível promover um processo de reintegração social mais eficaz e sustentável, contribuindo para a construção de uma nova prospecção de vida para esses jovens. Resultando a médio e longo prazo benefícios também para a sociedade.

5 – REFERÊNCIAS

APRENDIZADO ONLINE. A teoria de Vygotsky destaca a importância do ambiente social na construção do conhecimento. Aprendizado Online, 25 maio 2022. Disponível em: <https://www.aprendizadoonline.com.br/post/a-teoria-de-vygotsky-destaca-a-importancia-do-ambiente-social-na-construcao-do-conhecimento>. Acesso em: 22 de maio. 2024.

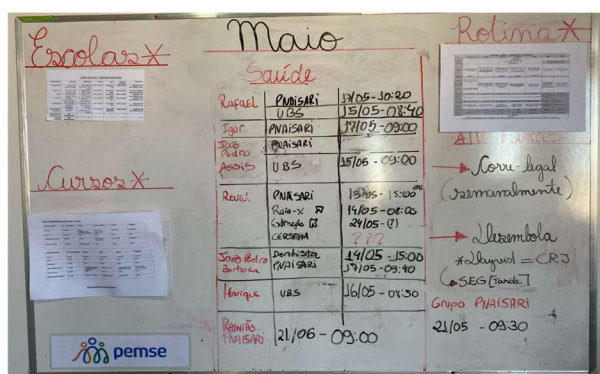
NINHOS DO BRASIL. Vygotsky: conheça a contribuição do teórico para a educação infantil. Ninhos do Brasil, 19 ago. 2022. Disponível em: <https://www.ninhosdobrasil.com.br/vygotsky-teoria>. Acesso em: 22 de maio 2024.

SANTOS, João Vitor. Identidade x Confusão de Papéis no Desenvolvimento Psicossocial. **PsyMeet**, 20 fev. 2023. Disponível em: <https://www.psymeetsocial.com/blog/artigos/identidade-e-confusao-de-papeis>. Acesso em: 22 de maio 2024

6. ANEXOS



(Passeio ao Zoológico)



(Planner de cada adolescente)



(Sala de Psicologia e Assistência Social)



(Artesanato produzido por eles)



(Segurança - Grades, cercas) (Um portão entre a liberdade e a prisão) Formas de expressão)

PPA 08 – NOVA ESPERANÇA PARA UM FUTURO- Ana Clara Pissolato;
Bianca Teodoro; Cecília Nunes; Giulia Morais; Gracileiva Fagundes; Maria
Luiza Lima; Matheus Ventura; Rhayssa Ribeiro; Fernanda Silva

1 - INTRODUÇÃO

A vida é uma dádiva da natureza, estudada por anos foi pela ciência para que fosse possível compreender o seu funcionamento, limites e possibilidades de ação. Haja vista a sua extrema complexidade faz se necessário a criação de métodos e medicamentos que possibilitem a sua manutenção e aprimoramento, que influenciam, também, na criação e renovação do conceito de vida, das suas fases, o que é e deve haver em cada uma delas.

A fase inicial da vida é a infância, começa no nascimento do ser até os onze anos de idade, sua característica mais marcante é a quantidade exacerbada de mudanças físicas, mentais e sociais, aprendizagem e novidades. É uma fase de descoberta do mundo no qual aquele novo ser humano está, agora, vivendo e formando conceitos baseados na troca de informações com sua base primária: sua família e/ ou cuidadores.

A segunda fase da vida é a Adolescência, que vai, geralmente, dos 12 aos 20 de idade, sendo esse um momento de transformações mentais e corporais onde buscam se reajustar e compreender a realidade para confirmar a forma como se quer ser, agir e ver a si próprio, ao mundo, e para isso coloca em xeque seus conceitos, identidade e visão da atualidade. A terceira fase se inicia aos 21 anos e é onde a vida começa a tomar forma concreta caracterizada por maior estabilidade, aumento de responsabilidades, possível independência financeira, desenvolvimento completo do córtex pré frontal e outros aspectos que mostram a conclusão da fase de descobertas.

Desse modo, a fase de ouro da vida, a Velhice ou terceira/ melhor idade, como pode ser chamada toma início e marca a reta final da vida. antigamente, a velhice iniciava aos 60/65 anos de idade muitas vezes sucedido pelo processo de aposentadoria. No entanto, atualmente, há um alto número de pessoas com essa idade ainda ativas financeiramente no mercado de trabalho com qualidade e boa expectativa de vida, assim a OMS - Organização Mundial de Saúde- passou a considerar a velhice a partir dos 75 anos.

Face ao exposto, é preciso dar visibilidade à situação das pessoas da terceira Idade, uma vez que essa época da vida é muito subestimada, dada como um tempo inútil/ inutilizável da vida. Assim, o projeto visa trazer outro ponto de vista sobre possibilidades de ocupação desse tempo tão precioso e trazer uma nova expectativa para a vida nessa etapa, pois não é porque o ser humano se aposenta que ele deve se frustrar ou prestar se só esperando o dia de falecer. É necessário ter ânimo, resgatar sonhos antigos e usar o tempo de ócio novo e fazer planos e metas para realizar sonhos antigos, assim como é possível pensar e traçar caminhos para realizar novos sonhos que combinem com a sua atual personalidade.

Nova esperança para o futuro

A velhice é o termo que designa a fase final da vida. Ela tem uma dimensão existencial, que modifica o meio com o qual a pessoa se relaciona com o tempo, proporcionando alterações nas suas relações com o mundo e consigo mesmo. O envelhecimento, por mais que seja um processo natural da vida, não é muito aceito pela sociedade, tanto pelos estigmas que a cercam, quanto pelas delimitações que costumam acometer ao ser nessa idade da vida. Nele ocorrem mudanças biológicas, sociais e psicológicas que afetam cada indivíduo de um modo diferente, podendo ser melhor ou pior levando em considerações fatores internos, genéticos, estilo de vida e características do ambiente em que vive.

Os âmbitos do envelhecimento são caracterizados pela forma que a cultura social as definem o biológico ocorre através das mudanças físicas de modo orgânico, pode aparecer disfunções e diminuição da capacidade fisiológica acumulada, marcada pelas rugas, cabelos brancos, diminuição da elasticidade da pele, perda dos dentes, diminuição na percepção sensorial, na produção de suor e no crescimento capilar, assim como aumenta a perda capilar, modificações auditivas, no paladar, na visão, na altura e na composição corporal.

Assim como ocorre no envelhecimento psicológico onde há perda de memória, mau desempenho em atividades diárias e aumento no tempo de reação e centralidade, estatização do ego e o envelhecimento social. Esses acontecimentos têm de ser conhecidos, pois são acontecimentos que são temidos pelo ser humano na velhice, o fato de ficarem desprovidos da beleza

jovial, má qualidade de vida devido à doenças, não capacidade de se cuidar sozinho, se sentir inutilizável por estar aposentado e sem rotina trabalhista que regia previamente sua vida antes desse período, o isolamento social, a aposentadoria, o grande tempo ocioso, a possível perda de identidade em função da perda do trabalho, a progressiva perda do poder de decisão e econômico em casa que são aspectos muito prezado na sociedade atual, e imediatista líquida que valoriza mais o ter e parecer do que o ser de fato, levando um medo inexprimível àqueles que estão prestes a entrar nessa fase.

Assim sendo, é imprescindível destacar que, embora haja realmente a mudança de papéis, expectativas e possibilidades durante a terceira idade, é possível que esse período seja vivido de uma forma leve e sendo muito bem aproveitado se houver a utilização de estratégias que proponham a organização de planos e metas para essa fase, de modo a ocupar o ócio com tarefas funcionais, que se adequem às condições físicas e mentais do ser agora, assim como é possível ter dinâmicas para lembrar as aventuras, sonhos e vontades do seu “Eu” jovem e as utilizar como impulso para sua vida no agora.

Do mesmo modo, é de extrema importância ressaltar que, devido aos mesmos aspectos supracitados, é preciso uma supervisão constante aos idosos, para que eles tenham o apoio necessário nas realizações de tarefas que possam exigir maior esforço ou mesmo para auxílio eterno à situação em processo. Para o projeto ser realizado da melhor forma possível, o grupo entrou em contato com um lar de idosos, apresentou as dinâmicas e alinhou agendas para que fosse possível a realização de dinâmicas interativas com algumas pessoas da terceira idade. Nesse projeto, o lar de idosos Solar Santa Mônica concordou em receber o grupo, lá há 10 idosos com diferentes restrições físicas, alimentares e com doenças degenerativas, eles todos moram na casa e possuem uma rotina de acordo com a organização do lar e suas necessidades individuais. No dia do encontro iremos realizar algumas dinâmicas interativas com os idosos para criarmos conexões com eles, deixá-los à vontade e abertos para compartilhar com o grupo sobre sua vida, aprendizados, conselhos, experiências, gostos, o que não gostam e recomendações sobre como trilhar essa jornada até a velhice de uma forma proveitosa e como tem curtido a aposentadoria ou como gostariam de a estar vivendo.

As atividades começam com:

Dinâmica 01: O Diário: “Nada é tão nosso, quanto nossas memórias”

A ideia central é que os idosos possam externar seus sentimentos através da escrita. Dentro desse diário teriam algumas páginas onde eles iriam escrever seus sentimentos, momentos da vida, tristezas, momentos de acertos, dúvidas, nostalgia, esperança. Para orientá-los em cada página teria uma espécie de instrução para que possa nortear a escrita, como por exemplo:

- 1- Voltando as lembranças...
- 2- Qual o momento em que você se sentiu mais feliz?
- 3- Já se sentiu angustiado?
- 4- Qual foi o momento mais feliz de sua vida?
- 5- Qual o momento mais marcante da sua juventude?

O diário será personalizado para que haja o vínculo e o afeto, nele haverá uma mensagem escrita a mão pelos membros do grupo na capa de trás. Com essa dinâmica, é possível levar a eles um aprendizado de que eles são pessoas fortes e com uma história para contar que merece ser ouvida e todas as vezes que eles sentem alguma emoção desconfortável, que eles possam voltar a esse diário para lembrar dessa pessoa e da criança interna dentro deles, que até hoje vive explorando cada ambiente e cada nova fase que eles estão.

Dinâmica 02: Você tira o chapéu para essa pessoa?

A dinâmica consiste na disposição de vários chapéus em uma mesa com um espelho dentro de cada um deles. Então, cada participante escolhe um e analisa se tiraria ou não o chapéu para aquela pessoa, com base na sua percepção sobre ela mesma. Dessa forma, eles teriam que falar a visão que eles têm de si próprio, sabendo dos seus sentimentos e suas vivências, refletindo também sobre todo o caminho que eles já trilharam até ali. É importante lembrar que ninguém pode contar qual a imagem que tem dentro do chapéu.

Dinâmica 03: Café com sabedoria

Desde que a Humanidade se constitui, se sabe a importância da comunicação e da interação entre os indivíduos, assim usada, como uma forma de transmissão de informações e conhecimentos. Levando isso em consideração, quando damos um olhar mais atento a esses momentos, vemos que tomar um café entre amigos e conhecidos te leva a novas sabedorias, por mais que alguns assuntos tenham certa futilidade, ainda sim, se tornam uma nova fonte de informação. Tendo isso como base, o grupo pensou em levar uma tarde de café com os idosos do lar, para ter uma troca de relações com eles, podendo entendê-los melhor, ter uma maior proximidade e adquirir um novo olhar a essa fase da vida, que todo ser humano irá passar: a velhice e o processo de envelhecimento.

É lógico que por se tratar de pessoas com mais idade, precisa ter um nível de cuidado a mais com as restrições em relação à alimentação de cada um, e o grupo teve a delicadeza de levar algo que possa incluir a todos nesse encontro. Além disso, é importante pontuar, que todos os funcionários, que se dedicam a cuidar desses idosos e atuam na casa, também são de extrema importância, com a participação deles no café junto a todos, pode se entender sobre uma perspectiva diferente a aquele mesmo contexto, aprendendo mais sobre os cuidados, o funcionamento do local, as afinidades, o apego, o emocional, o psicológico, e até mesmo quais são os maiores desafios enfrentados a cada dia que passa. É um ato que pode parecer simples, envolvendo duas coisas que todo ser humano é apaixonado: a comida e uma boa conversa, mas quando se olha com mais profundidade, é um misto de sabedorias entre gerações, com uma aprendizagem diferente a cada uma delas, nos modificando e modificando o próximo.

CONCLUSÃO

Apesar do trabalho do grupo visar o avivamento da memória deles, a produção de um diário com memórias e conselhos deles para a juventude e suscitar o reconhecimento de tempo restante para realizar sonhos antigos e até mesmo aprender coisas novas, o grupo se deparou com uma barreira muito

grande à realização do projeto. Ao chegarmos lá recebemos a informação de que muitos dos idosos tinham dificuldades motoras e cognitivas, não andam, dois dos idosos não falavam e um deles é totalmente dependente da cuidadora Simone, alguns não conseguiriam escrever, que era uma das atividades propostas, e eles estavam muito fechados para relembrar de sua vida quando adulto e jovem.

Desse modo, apesar da preparação o grupo teve que abrir mão do planejamento e ter uma conversa amigável com os idosos, fazendo perguntas claras e abertas sobre a vida dos mesmo, sobre quais conselhos eles tinham para dar ao grupo, sendo engraçados e desviando o foco deles do programa televisivo que estavam assistindo antes da chegada do grupo. No entanto, mesmo com esse grande imprevisto foi possível fazer uma intervenção leve e divertida com os idosos juntamente à um café da tarde nomeado “café com sabedoria” e então para conseguirmos realizar a proposta conversamos com as cuidadoras deles.

A Simone, técnica de enfermagem, que trabalha lá cuidando dos idosos conversou com o grupo e expôs as partes mais difíceis de trabalhar lá, a conciliação com sua vida pessoal, a rara participação da família de alguns deles e as estratégias que a casa utiliza para fazer com que os idosos sejam visitados pelos seus familiares de modo a contribuir nos seus utensílios de higiene pessoal, roupas e curativos, quando necessário. Ela acentua também as maneiras de contato que possui com os idosos e como é a criação de laços com eles e algumas de suas histórias mais marcantes durante seu período na casa e um conselho para o grupo de viver a vida humildemente e viver o agora, um dia por vez.

Assim, possibilitando que o propósito do projeto tenha sido cumprido da melhor forma possível dentro das condições apresentadas. Acentuando, ainda mais, o cuidado tanto com a saúde mental quanto a saúde física dos idosos, em especial quando um deles se vai, fazendo o máximo possível para que os outros não vejam, assim como explicitou que com o tempo, apesar dos laços criados com os idosos, suas mortes são mais tranquilas de serem vividas.

REFERÊNCIAS

Disponível em: <https://www.nestlehealthscience.com.br/cuidados-com-a-saude/envelhecimento/velhice-envelhecimento#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20velhice%3F,apontados%20como%20caracter%C3%ADsticas%20da%20velhice>

Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/amp/ciencias/as-fases-da-vida.htm>
<https://www.portalinsights.com.br/perguntas-frequentes/quais-sao-as-5-fases-da-vida-idade#:~:text=A%20Organização%20Mundial%20da%20Saúde,com%2080%20anos%20ou%20mais.>

Disponível em:
<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/39176/Modelos%20de%20Aterno%C3%A7%C3%A3o%20-%20Fases%20do%20Ciclo%20Vital.pdf?sequence=2&isAllowed=y>

ANEXOS

A seguir fotos do dia da intervenção:



Fonte: dos autores,2024



Fonte: dos autores,2024



Fonte: dos autores,2024



Fonte: dos autores,2024



Fonte: dos autores,2024